AS ARTES ENTRE AS LETRAS

DIRECTORA: NASSALETE MIRANDA | 30 MARÇO DE 2011 | Nº47 | PREÇO: 2 EUROS | QUINZENALMENTE ÀS QUARTAS

ISSN: 1647-290X

congresso internacional
rotadascatedrais
Museu Municipal de Faro
7, 8 e 9 Abril 2011

arte | PÁG. 16

«Recordações da Casa Rosa»

Paula Rego, António Areal e Jorge Queiroz até 12 de Junho em Serralves

Paula Rego, Possessão I-VII, 2004

entrevista | PÁGS. 4 E 5

2 milhões de visitantes em 10 anos

Biblioteca Almeida Garrett quer continuar a ser uma porta de acesso local ao conhecimento, à educação, à cultura e à informação aberta a todos, garante a vereadora do Conhecimento e Coesão Social da Câmara do Porto.

literatura | PÁG. 7

Esteiros, de Soeiro Pereira Gomes

Por *Carlos Fiolhais*

literatura | PÁG. 8

O amor na Literatura para a Infância

Por *José António Gomes*

lusofonia | PÁG. 13

Eliardo França – A música como inspiração

Por *Jorge Sanglard*

razoar | PÁG. 17

7 (hipóteses) sobre o Facebook

Por *Paulo Ferreira da Cunha*

GRANDES DEBATES DO REGIME

CONFERÊNCIAS DO PORTO 2011-12

AUDITÓRIO BIBLIOTECA ALMEIDA GARRETT

ENTRADA LIVRE - 21H15

APOIO: tvi

WWW.CM-PORTO.PT

PORTO Câmara Municipal

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

A falta de ética, a falta de sentido das responsabilidades, a falta de preparação para o desempenho de cargos públicos (entenda-se para servir o interesse público) de grande parte das gentes que decidiram o destino de Portugal nas últimas décadas, conduziram o País a esta situação que desencanta.
Há seis anos escrevi que José Sócrates tinha criado um País virtual. (Atrevo-me mesmo a pensar que muito provavelmente ele foi o grande inventor das quintas, dos animais de estimação e dos amigos virtuais que proliferam aos milhões nesse mundo "rosa").
Não foi necessária qualquer bola de cristal para se perceber que ele não fazia a mínima ideia de como governar um País – aliás como poderia ser de outra maneira?
Que preparação é que tinha?
O País caiu-lhe em cima da secretária e ele distribuiu-o por um grupo de amigos mais ou menos conhecidos que com toda a sua sabedoria e conhecimento mantiveram o país em movimento acelerado para o caos económico, financeiro e social.
Mas convém não esquecer que houve eleições e que José Sócrates foi democraticamente escolhido, por duas vezes, por uma fatia importante da população.
É assim que acontece há quase 40 anos em Portugal – é o povo que, com o seu voto, decide quem quer a governar e quem quer na Presidência da República.
Assim, e como não somos um povo de inimputáveis, há que analisar com clareza as responsabilidades.
Claro que governar um País que tem gente dentro, não é um "deserto", não é para qualquer um.
Mas não é hoje, como não foi ontem nem será amanhã.
Por isso, mais do que estratégia, táctica, ou discursos empolgados feitos de palavras ocas e "gastas", o que se exige aos políticos nestes dias de futuro ainda mais adiado é que falem verdade e que tenham a coragem de apostar em pessoas que já deram provas na sua vida profissional de que podem dar um contributo positivo ao seu País.
Uma das causas para a desconfiança e descredibilização da classe política é a insistência nos velhos nomes e nos rostos repetidos e gastos.
Haja coragem para apostar em gente que sabe a diferença entre servir o País e servir-se do País e que, tendo demonstrado que sabe trabalhar, certamente fará de um cargo político um contributo para ajudar Portugal a "levantar-se do chão".
A todos, boas leituras em artes feitas.

Entre nós

Prémio Eugénio de Andrade regulamentado

O Prémio de Poesia Eugénio de Andrade "pretende estimular a criação poética e o aparecimento de novos autores de poesia e será atribuído a uma obra inédita". O objectivo consta do regulamento para o prémio, com um valor de dez mil euros, instituído pela Editorial Modo de Ler, que foi agora conhecido.
São admitidas exclusivamente obras inéditas de poesia escritas em Língua Portuguesa e o autor vencedor numa edição anterior não poderá concorrer na edição seguinte. O regulamento estabelece ainda que os exemplares enviados a concurso devem ser assinados com pseudónimo não conhecido e que o concorrente use pela primeira vez.
Inês Lourenço, José Manuel Mendes, Luís Miguel Queirós e Manuel Dias da Fonseca fazem parte do júri responsável pela escolha da obra vencedora, assim como um representante da família de Eugénio de Andrade e da Editora.
As deliberações do júri são tomadas por maioria. No entanto, pode propor à Editora Modo de Ler a não atribuição do prémio "por evidente falta de qualidade das obras concorrentes".
O Prémio de Poesia Eugénio de Andrade será concedido bienalmente e a entrega do galardão e a publicação da obra premiada ocorrerão em cerimónia pública por altura do aniversário de Eugénio de Andrade – 19 de Janeiro.
Com esta iniciativa, a Modo de Ler retoma uma tradição de homenagens ao poeta, iniciada pela sua antecessora Editorial Inova.

Desenho de Hélder de Carvalho

CONSELHO EDITORIAL
Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís | António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira | Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo | Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco | José Atalaya | José Rodrigues | Lemos de Sousa | Lídia Jorge | Luisa Dacosta | Manoel de Oliveira | Mário Cláudio | Miguel Veiga | Óscar Lopes | Salvato Trigo | Urbano Tavares Rodrigues

COLABORADORES ESPECIAIS
Adelto Gonçalves | António José Queiroz | António Vera | Armando Alves | Cacilda Celso | Carlos Cabral Nunes | Carlos Vaz | Cristino Cortes | Domingos Lobo | Francisco d'Eulália | Isabel Ponce de Leão| Jorge Lima Barreto | Lauro António | João Maria Nabais | Jorge Sanglard | Manuel Sobrinho Simões Maria Antónia Jardim | Ramiro Teixeira | Rodolfo Alonso

PARCERIAS

APOIOS

PARA ASSINAR
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56 | Telemóvel - 91 803 56 76 | E-mail: artes.entreletras@gmail.com
Desejo receber As Artes entre as Letras, 50 euros / ano | Transferência bancária para o n.º 0033-0000-45377147275-05 ou envio de cheque

Para assinar online: **www.artesentreasletras.com.pt**

SINGULARPLURAL arte & comunicação
SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel – 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com
Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel – 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Directora: Nassalete Miranda; **Editora:** Isabel Fernandes; **Jornalista:** Paulo Francisco Carvalho; **Fotografia:** Ângela Velhote; **Direcção Comercial:** Maria José Guedes; **Grafismo:** Armando Alves; **Paginação:** Pedro Cunha; **Site**: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira | **Contactos:** Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º esq. | 4050-012 Porto; **Telefone e Fax:** 22 606 35 56; **Telemóvel:** 91 803 56 76; **Email:** artes.entreletras@gmail.com; **Registo na ERC:** 125685
Impressão: Selecor - Artes Gráficas, LDA - Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
Distribuição: VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém - Telef.: 21 433 70 00 - Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt -Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
Propriedade: Singular Plural | **NIF:** 509578942 | **Tiragem:** 1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

a vida dos livros

A prosa na poesia

"O Tesouro Escondido – Para uma Arte de Procura Interior" (Paulinas, 2011) de José Tolentino Mendonça é obra de um poeta consagrado sobre temas de espiritualidade contemporânea, escritos à luz da conhecida parábola de S. Mateus (13, 44-46), segundo a qual o Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo. Um homem encontra-o e volta a escondê-lo. Cheio de júbilo, vende tudo e compra o campo... É bom falar de um Poeta no dia da Poesia, mesmo que aqui tenha escrito em prosa.

Guilherme d'Oliveira Martins

GUARDAR UM TESOURO E CUIDAR DE UM SEGREDO

Esse campo já referido é comparável ao exemplo do negociante em busca de boas pérolas. Uma vez encontrando uma pérola de grande valor, o homem vende tudo o que tem e compra a pérola. A metáfora é atraente e tem sido usada para descrever situações muito diversas – ligadas à procura de um bem, de um valor ou de uma riqueza. Jacques Delors, quando elaborou o relatório sobre a Educação para o século XXI, na UNESCO, deu como título a esse importante documento «Um Tesouro Escondido» («Un Trésor est caché dedans»), para significar como a aprendizagem é uma riqueza fundamental. E não é por acaso que aqui falo de aprendizagem porque essa é a verdadeira riqueza, para além de todos os programas e discursos abstractos sobre o tema. E, na linha dessa imagem do tesouro, o escritor cita S. Kierkegaard, quando este afirmava e recomendava "a deliciosa ocupação de deixar amadurecer um segredo". As referências a um tesouro e um segredo significam, aliás, a procura do que verdadeiramente pode valer. E assim os actos de guardar ou de esconder revelam-se como enriquecedores – já que somos capazes de reconhecer valor a algo que nos diz respeito.

TENTAR COMPREENDERMO-NOS

Procurar perceber quem somos, compreendendo-nos, exige capacidade de dar e receber, entendimento que leva a tirar consequências do largo caminho para a condição humana, entre a solidão e a companhia, entre o silêncio e o barulho, entre ser e não ser (que Agostinho da Silva dizia contrapor-se, na nossa cultura, à alternativa de Hamlet, ser ou não ser). E se falo do dar e do receber, recordo que a arte de educar e de aprender exige sempre a ligação biunívoca do mestre e do aluno. José Tolentino Mendonça trata no livro de diversos temas, bem ilustrados nos respectivos títulos – a lâmpada de Deus não se apagou; acende a tua candeia, os velhos deveriam ser como os exploradores, Deus faz-me sorrir, a nossa vida é uma paisagem onde Deus se vê, mostra-nos o Pai reconciliar-se com a beleza, rezar até a impossibilidade de rezar, a pergunta do meio caminho, Emaús laboratório da fé pascal, mais do que viajantes, peregrinos, e o «Magnificat» é talvez o mais belo poema... Através deste roteiro é a vida interior que é procurada com argumentos persistentes e acessíveis.

O tema da beleza e do bem tem uma especial atenção. Invoca-se a afirmação ou o verdadeiro repto de Bento XVI no Centro Cultural de Belém: "Fazei coisas belas, mas sobretudo fazei das vossas vidas lugares de beleza". O tema é tudo menos fácil, uma vez que está longe de ser acessível, para além de considerações simplificadas. Não é paradoxal a relação entre Jesus Cristo e a beleza? No entanto, apesar dessa contradição conduz-nos à compreensão de que «beleza é verdade e verdade é beleza». No entanto, temos de entender que «em Cristo sofredor também se aprende que a beleza da verdade acolhe igualmente a ofensa, a dor e mesmo o sombrio mistério da morte, e que ela só pode ser encontrada quando se aceita o sofrimento, não quando se procura ignorá-lo» (como diz o Papa).

OS VALORES PERENES

O justo e o verdadeiro constituem os valores perenes que não podemos deixar de ter sempre presentes. Daí a necessidade de uma reconciliação com a Beleza do cristão, «tão decisiva na maturidade de um percurso espiritual». E Platão explicou-nos qual a força indiscutível do impacto da beleza – «um fluxo», que «aquece e rega a essência». E ao presenciarmos a luta de Jacob com o Anjo, percebemos que se trata de mais do que um combate físico, sendo uma procura da verdade pela valorização do confronto (o «agon»). «O Belo de Deus [diz o autor] convoca o homem para o seu destino final, revela-lhe a real grandeza da verdade». O que está em causa, no fundo, é a compreensão da hierarquia de valores – uma vez que é o vazio dessa distinção que levava Herman Broch a acusar a sociedade presente de indiferença e de desatenção aos valores e aos ideais. O desenvolvimento humano e histórico foi, contudo, pela experiência cristã e merece uma especial atenção que nos remete para algumas assombrosas expressões de beleza, como, na arquitectura religiosa, os exemplos de Miguel Ângelo e de Gaudi, ou as impressões incandescentes transcritas pelos místicos – desde Hildegarda de Bingen a S. João da Cruz, passando pelas expressões iconográficas, de que o sonho de Santa Teresa, de Bernini, é um exemplo maior. E vem à memória o verso de Dante, num dos pórticos da "Divina Comédia" – "A meio caminho desta vida / me vi perdido numa selva escura" - «Nel mezzo del cammin di nostra vita / mi ritrovai per una selva oscura / ché la diritta via era smarrita». E José Tolentino Mendonça, emblematicamente, afirma que «a ordem do sagrado reivindica para a pergunta dói meio caminho o horizonte e a experiência do amor». E o Mestre Ekhart deixa-nos a invectiva sublime: «É preciso que haja silêncio, ali onde essa presença deve ser percebida». Experiência do amor, silêncio, procura e descoberta, segredo, paradoxo, incindibilidade entre razão e fé, dignidade das pessoas, universalismo do respeito – eis a multiplicidade de temas e de apelos que o escritor nos traz com este «Tesouro Escondido». E, surpreendentemente, sobretudo talvez para os mais distraídos, para aqueles que não viram que a alegria, feita de humor e ironia, mas também de inteligência arguta e de sentimento, leva à essência da vida, conduzindo-nos à riqueza de «O Riso de Deus», título de uma obra de António Alçada Baptista, cujo tema muito ajuda à alegria genuína que permite chegar à transcendência com genuinidade e amor (agapé). Talvez por isso no capítulo 21 do Livro do Génesis, quando Sara dá à luz o seu filho, que já não esperava poder ver nascido, Sara dá ao bebé o nome de Isaac, que significa literalmente: "Deus sorriu".

RECORDAR SIMONE WEIL

Note-se que essa encruzilhada entre a liberdade e o amor, entre a sensibilidade e a alegria leva Simone Weil (em «Espera de Deus», publicada na colecção Teofanias) a referir-se à oração do "Pai-Nosso" em grego deste modo: «A doçura infinita deste texto tomou-me então, de tal forma, que durante alguns dias não consegui impedir-me de o recitar continuamente. Uma semana depois, comecei a vindima. Recitava o Pater em grego todos os dias, antes do trabalho, e repeti-o não poucas vezes na vinha. Desde então, impus-me como única prática recitá-lo uma vez cada manhã, com uma atenção absoluta. Se durante a recitação a minha atenção se desvia ou deixa adormecer, recomeço até que tenha obtido, por uma vez, uma atenção absolutamente pura». E continua a longa citação que este «Tesouro» transcreve: "Os ruídos, se os há, não me chegam senão depois de atravessarem este silêncio. Durante esta recitação ou noutros momentos Cristo está presente em pessoa, mas a sua presença é infinitamente mais real, mais lancinante, mais clara e mais plena de amor do que a daquela primeira vez em que tomou". Nota-se, com nitidez, que é a procura de um tesouro escondido que aqui está também presente. Chegamos, assim, ao elemento crucial de uma experiência de amor e alegria, fora das considerações passageiras ou superficiais. Este pequeno livro é, assim, fonte de muitas surpresas positivas e acolhedoras, sábias e pertinentes. O irónico dinamarquês insiste, e bem, que há uma "deliciosa ocupação de deixar amadurecer um segredo".

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

entrevista

dr

Guilhermina Rego faz balaço dos 10 anos da Biblioteca Municipal Almeida Garrett

Artes, letras e reflexão num único espaço

Em dez anos de funcionamento, a Biblioteca Municipal Almeida Garrett acolheu cerca de dois milhões de utilizadores. O aniversário é assinalado no dia 2 de Abril e a vereadora do Conhecimento e Coesão Social da Câmara do Porto destaca a mais-valia do equipamento para a cidade. Em entrevista, Guilhermina Rego congratula-se ainda com a possibilidade de promover uma oferta integrada e complementar, associando artes, letras e reflexão num único espaço.

Paulo Francisco Carvalho

Que balanço faz dos 10 anos de existência da Biblioteca Municipal Almeida Garrett (BMAG)?
Um balanço extremamente positivo marcado pela visita de cerca de dois milhões de utilizadores ao longo destes 10 anos, reflexo da prestação de um bom e diversificado serviço público que foi capaz de captar, criar e conquistar públicos de todas as faixas etárias, dos mais variados segmentos e origens.

Que acontecimento ou facto destaca nesta década de existência?
É impossível destacar um facto ou um acontecimento. Tudo o que aqui se passou e passa contribui para esta afirmação junto do público: desde o empréstimo domiciliário ao livre acesso, desde as actividades de promoção da leitura e da escrita à realização de exposições, desde os serviços dentro de portas, como a realização de conferências e debates, aos serviços fora de portas, com os agrupamentos de escolas de todo o concelho através do Projecto de Animação Comum, ao Centro Hospitalar do Porto com o projecto Histórias ao Ouvido a decorrer no Hospital de Crianças Maria Pia.

Gostaria de sublinhar a multiplicidade funcional deste espaço. O facto de aliarmos uma biblioteca, que é viva e dinâmica, a uma magnífica sala de exposições e ainda a um bonito e funcional auditório, permite aliar várias artes e desenvolver actividades que decorrem simultânea ou complementarmente, como por exemplo, associar um livro a uma exposição de pintura ou de fotografia e a realização de conferências e de artes performativas. Se referir também a inserção desta estrutura no belíssimo ambiente dos jardins do Palácio de Cristal e a proximidade ao seu futuro Centro de Congressos, tem uma soma positiva difícil de igualar. Assim, e para além das iniciativas que permitem a realização da sua missão principal, relacionada com a promoção e a animação da leitura, com o apoio à educação individual, autoformação e aprendizagem contínua e/ou com a promoção e a conservação do conhecimento e da herança cultural, foram implementadas outras acções destinadas a todos os públicos e com o apoio de um amplo conjunto de parceiros locais, nacionais e internacionais. A título de exemplo saliento os postos +Acesso para públicos invisuais ou o Bibliocarro, que presta serviços junto das escolas dos concelhos que não dispõem de biblioteca e nos períodos de férias escolares funciona como biblioteca itinerante em diferentes locais da cidade, como a Paria do Molhe, a Avenida dos Aliados. Temos leitores que estão connosco e nos acompanham desde a abertura de portas, que iniciaram as suas leituras na Sala Infanto-juvenil e que hoje utilizam a Sala de Leitura Geral e Periódicos ou a Sala Multimédia. Temos leitores que se transformaram em parceiros, sendo responsáveis pela animação de projectos específicos que decorrem nos nossos espaços, temos leitores que, hoje, também são voluntários e/ou estagiários, que escolheram a BMAG e os projectos por ela desenvolvidos como objectos de teses de mestrado, doutoramento e licenciatura. São estes factos, aliados ao profissionalismo e dedicação da equipa que aí trabalha, que tornam a BMAG num equipamento único e querido por todos.

Quais são as metas/objectivos do espaço para a próxima década?
Crescer. Acompanhar a evolução da sociedade dando resposta às necessidades dos diferentes públicos, promovendo a coesão social e apoiando a qualificação de todos os cidadãos. Continuaremos a ser uma porta de acesso local ao conhecimento, à educação, à cultura e à informação aberta a todos, quer utilizadores, quer parceiros. Repare, não foi por acaso que, neste mandato, a cultura e a educação ficaram associadas sob a expressão conhecimento e estão sob a alçada do Pelouro que também tutela a Coesão Social. Há uma visão integrada e complementar, por forma a levar a cultura a todos, desde os estabelecimentos de ensino, ao hospital, centros de dia, associações, às escolas e aos mais desfavorecidos – dentro duma visão global da política autárquica. E a BMAG é um elemento do todo.

Que números/dados podem ser revelados?
Nestes 10 anos de existência, a BMAG teve um total de 1.896.380 de visitantes. Deste número, destacam-se os 38.017 leitores inscritos e utilizadores efectivos, que resultam numa média diária de 484 utilizadores.
A BMAG possui um fundo que conta com 67.497 exemplares, dos quais, foram efectuados 318.365

entrevista

empréstimos domiciliários. Deste fundo podemos distinguir os 4.742 exemplares audiovisuais (CD's, CD-ROM, DVD's, DVD-ROM) e também os 213 livros em Braille. Quanto a títulos de periódicos, contabilizam-se 144, dos quais oito são em Braille. A BMAG acompanha as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), e disponibiliza quatro computadores exclusivos para MS Office, cinco postos para actividades didácticas, seis postos de consulta de catálogo e 25 com acesso à Internet (o que resultou em 457.471 acessos à Internet ao longo de dez anos) e um para uso exclusivo de invisuais e amblíopes. De destacar as redes wireless disponibilizadas (RCBP e Porto Digital) gratuitamente, que permite o acesso à Internet a partir de computadores pessoais, tendo uma média aproximada de 20 mil acessos/ano. Os serviços descentralizados da BMAG contemplam uma biblioteca itinerante, o Bibliocarro. São várias as escolas do concelho do Porto por ele visitadas ao longo destes 10 anos, levando livros a várias crianças, com um total de 57.792 visitantes e 23.9746 empréstimos domiciliários.

Em que se distingue a Biblioteca Almeida Garrett da Biblioteca Pública Municipal do Porto?
Para além das funções que fui referindo, a BMAG é uma biblioteca de livre acesso, regendo-se pelas missões consignadas pelo Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas e integrando a Rede Nacional de Leitura Pública. Estamos perante uma biblioteca moderna onde os livros, as revistas, os jornais convivem com CD's, DVD's, num espaço wireless. Assim, na BMAG tudo está acessível ao utilizador, para usar no local, para emprestar e para circular.
Por seu lado, a BPMP é uma das mais antigas bibliotecas do país, fundada por D. Pedro IV em 1833, um dos seus primeiro bibliotecários foi Alexandre Herculano, é beneficiária de depósito legal, pelo que lá podem ser encontradas todas as publicações editadas em Portugal. Tem, assim, uma vocação patrimonial e de memória, afirmando-se como um elemento indispensável ao conhecimento da identidade da Cidade e do País. Partilham ambas a vocação de aproximarem os utilizadores da informação, do conhecimento, da educação atraindo-os com programas paralelos e complementares. Iniciaram e concluíram, em conjunto, a instalação de um novo software de gestão de bibliotecas, estando agora os serviços técnicos a trabalhar num catálogo colectivo que reúne mais de 250 mil entradas. Duas bibliotecas distintas, duas missões e duas vocações diferentes mas um único objectivo e uma única prioridade: equipamentos culturais abertos à Cidade e aos seus utilizadores, equipamentos culturais dinâmicos, proactivos e acolhedores.

Qual a importância da integração da BMAG na Rede de Bibliotecas da UNESCO?
Com esta integração, a BMAG passa a Rede de Bibliotecas associadas da Rede UNESCO e a «United Network of Associated Libraries», o que, para além de nos prestigiar, permite estabelecer contactos internacionais com outras bibliotecas, contactar com experiências inovadoras e promover a divulgação internacional das boas-práticas aqui desenvolvidas. Esta distinção é um reconhecimento, mas também um desafio que confere ânimo e motivação para continuar a trabalhar mais e melhor. Simultaneamente, a UNESCO aumenta as redes de parceria da Comissão Nacional no Norte de Portugal e associa à chancela UNESCO uma biblioteca que cumpre e honra os objectivos e as grandes linhas programáticas da Organização.

O facto de ter sido desenhada de raiz e de estar integrada no Edifício Cultural do Palácio é uma vantagem para poder servir melhor os utilizadores?
É, de facto, uma enorme vantagem, devendo ser salientada a qualidade arquitectónica e a funcionalidade do projecto concebido pelo Arquitecto José Manuel Soares. A centralização de três valências, biblioteca, galeria e auditório no mesmo espaço conferem a este equipamento a possibilidade de promover uma oferta integrada e complementar, associando artes, letras e reflexão. Criam-se, naturalmente, sinergias e exploram-se temáticas em conjunto. Numa mesma tarde podemos ter famílias inteiras no Edifício a participarem em actividades distintas que ocorrem em espaços diferentes. A construção de raiz permitiu atender aos condicionalismos ligados às características de uma biblioteca, de um auditório e de uma galeria, contudo não foram descurados outros factores, como a relação com o exterior, quer ao Jardim, quer à Rua de Entrequintas, e a preservação das espécies arbóreas existentes e de grande valor. Esta relação com o Jardim e com a Rua de Entrequintas favorece também o contacto com outros equipamentos culturais que aí se encontram, como o Museu Romântico e a Casa Tait, sendo também potenciadas sinergias entre as iniciativas promovidas por uns e outros. Repare, a lógica é e será a da complementaridade e de gestão partilhada, sempre com a coesão social como prioridade e objectivo. Os espaços são de todos e para todos.

Os eventos, como exposições e iniciativas no auditório, são mais-valias para o espaço e têm contribuído para o sucesso da biblioteca…
Como atrás fui referindo, a realização de iniciativas diversificadas e distintas são sempre mais-valias e contribuem para o sucesso do todo representado pelo edifício. Os espaços são naturalmente comunicantes e mesmo que entremos no Edifício com um objectivo específico é difícil ficarmos indiferentes aos apelos que os outros espaços lançam. O espaço só por si leva-nos a querer conhecer mais. Quem visita um espaço acaba por visitar os outros, acaba por querer saber o que se passa. Somos facilmente atraídos por uma imagem, por um cartaz, por um livro. Há uma sensação de bem-estar que é passada pelo próprio espaço, pelos seus utilizadores e por quem lá trabalha. Paralelamente, ao ser um espaço dinâmico que acolhe iniciativas temporárias, como exposições na galeria, e proporciona serviços continuados, como a Hora do Conto e Oficinas para crianças ou a Comunidade de Leitores para adultos, cria diferentes dinâmicas de visita e de utilização. Temos os utilizadores diários, utilizadores regulares, ocasionais, sazonais, adultos, crianças, escolas, famílias, estudantes, turistas, professores, escritores, pintores, fotógrafos...

O espaço envolvente, o jardim do Palácio de Cristal, também ajuda a chamar público?
É outro exemplo de uma relação que é vantajosa e positiva para os dois espaços: a biblioteca e o jardim. Outra aliança feliz e bem sucedida. Há utilizadores da biblioteca que se tornaram frequentadores do jardim e vice-versa. No primeiro caso, temos as famílias que nos visitam, sobretudo aos sábados; vêm para participar na Hora do Conto ou numa Oficina e terminam o dia no Jardim. No segundo caso, temos, por exemplo, os turistas. Entram no jardim e querem saber o que está dentro do edifício. Depois de entrarem acabam por utilizar os serviços ou visitar as exposições da galeria.

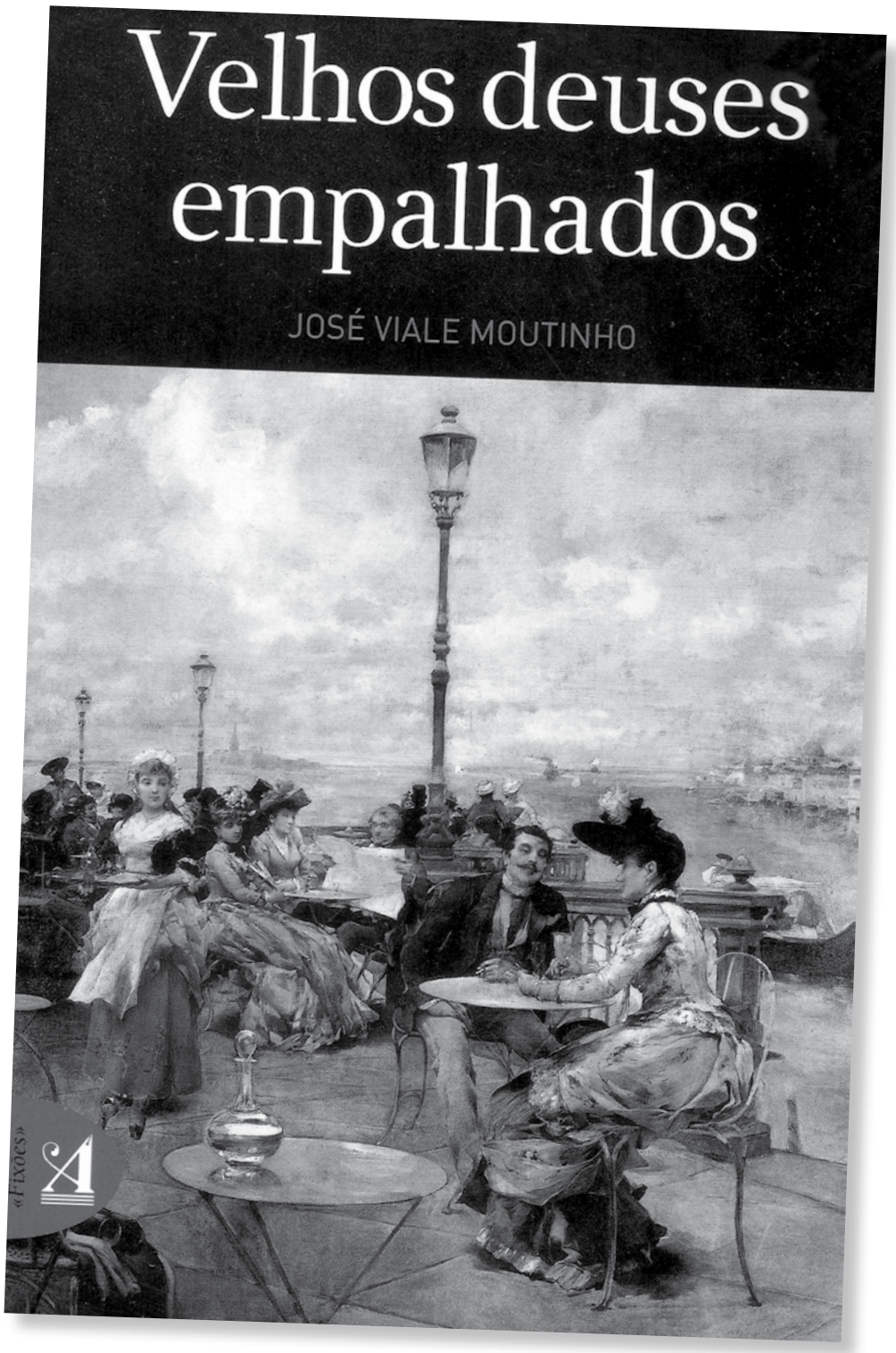
Qual a importância destes espaços para a cidade do Porto?
Apoiar a construção de uma cidade através da oferta de serviços culturais de referência e contribuir para a afirmação de uma cidadania activa, interessada e informada. Criar dinâmicas culturais que fomentem a diversidade e os diálogos inter-culturas. Não podemos esquecer também que o Porto é o centro de uma vasta área metropolitana e região, exercendo um enorme poder de atracção relativamente aos espaços envolventes. Para além da enorme quantidade de pessoas que vive fora mas trabalha no Porto, criando hábitos de consumo cultural nesta cidade, muitos outros nos procuram. O que significa que esta oferta cultural tem por destinatários óbvios muitos não residentes no Porto, o que obriga a um esforço suplementar, mas reforça o nosso empenho de cidadania, numa perspectiva de coesão territorial e cultural abrangente.

literatura

Entre o Porto e a Madeira

...Goliardo transumante e rotundo, regressa agora Frei José do seu último desaparecimento com uma mão cheia de histórias, patranhas e prodígios...

Ramiro Teixeira
crítico literário



Se algum dia José Viale Moutinho foi frade ou a passar por isso o ponho em dúvida. Que às vezes desaparece é verdade, seja para regressar às origens, que são as da Madeira, ou para o Minho que faz fronteira com Espanha, território que lhe tem fornecido vasto material ao redor da guerra civil entre franquistas e republicanos. E que sempre, onde quer que se localize, ressurge com uma mão cheia de histórias, patranhas e prodígios, é verdade incontestável. De forma que frade só se for da confraria de Frei Perfeito de Zamora-sur-Mar, também conhecido como Perfecto Cuadrado, um outro ilhéu, perdido e achado pelas Baleares, professor universitário, tradutor e promotor de Pessoa, Cesariny e quejandos (ver, entre mais, «Espacio/Espaço Escrito. Revista de Literatura en dos lenguas»), Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura em 2008, no mais vil anonimato, tal como Luísa Dacosta em relação ao Prémio Vergílio Ferreira. Adiante.

Como já referi mais do que uma vez, José Viale Moutinho levanta alguns problemas de natureza crítica, atendendo a que não é exemplo, longe disso, do articulado obsessivo e sistematizador que a dita crítica ambiciona. Todavia, por outro lado, propicia-lhe um fecundo campo de acção, mercê dos inusitados relatos corruptores sobre o sentido admitido ou aceite das coisas a que recorre, as mais das vezes identificados com a prática surrealista do absurdo, do irónico e do grotesco, em constante revivificação e recriação de sombras e espectros, entre a realidade e a ficção.

Grosso modo, este conjunto de textos tem por referência a Ilha da Madeira, salvo um ou outro, com destaque para a "Balada do Palladium", ao tempo em que este café do Porto possuía uma pista de dança no terceiro andar, mais tarde baptizada de boite, frequentada pelos boémios, empresários e banqueiros do tempo, e para "Quando o Senhor Maia escalou a Torre dos Clérigos", a par de "Desenhado no Pó de Uma Vidraça", breve evocação sobre António Nobre ao redor da casa onde faleceu, de "Uma Criança Morta no Parque" e de mais alguns textos geograficamente localizados em Espanha.

Em qualquer caso, seja sobre a Madeira ou sobre qualquer outro lugar, inclusive sobre si mesmo, Viale Moutinho é um ilhéu, oriundo da Madeira mas também do mundo, recreador nato de fantasmagorias, de realidades surrealistas, com mortes e renascimentos contínuos, transmigrações e eclipses afins com o que denomino de prática estrutural de contra literatura, senão mesmo pelo propósito de marcar a diferença em relação aos seus pares. Nesta perspectiva, é-nos apresentado o que o próprio autor não domina, tal como um vómito ou regurgitação, por acção de epifania ou de impulso incontrolável a ver no que dá, quanto de acção deliberada, controlada, de raiz alegórica. Nesta última asserção entendo "Bebendo Café", "Retiro" e principalmente "O Vendilhão Dentro do Templo", que achei uma delícia enquanto protótipo de um velho deus empalhado, à espera de cair da cadeira do poder, à semelhança do outro.

FICHA
(Velhos Deuses Empalhados, José Viale Moutinho. Porto, Edições Afrontamento, 2010)

literatura

Esteiros

Carlos Fiolhais
professor universitário

É notável que Esteiros, o romance de Soeiro Pereira Gomes escrito durante as agruras da Segunda Guerra Mundial tenha chegado, com sucessivas edições, até aos nossos dias: faz este ano seis décadas e ainda não chegou a idade de ser esquecido. O livro dedicado aos "filhos dos homens que nunca foram meninos", deve o seu título, como o autor explica logo a abrir, aos "minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais, que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama que só o rio afaga." A metáfora é, portanto, a da forte ligação entre o homem e a Natureza: o rio é uma grande mão, cujos dedos se ligam aos dedos e mãos de um grupo de rapazinhos pobres, que são desumanamente explorados no fabrico de telhas e tijolos a partir da argila do rio. Se o rio por um lado dá a mão, fornecendo um mísero sustento, por outro lado essa mão aperta como numa tortura. E outras mãos apertam o destino dos operários. A sucessão das estações de um só ano fornece o quadro temporal. Começa no Outono, com o frio: "Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram, de frémitos o lodaçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arrepio de águas e de corpos (...) mas o sol andava baixo: não calcinava o tijolo, nem as carnes juvenis da malta". No final, é Verão e, depois de muitas desventuras, um dos rapazes, o Ginete, está preso por roubo. E um dos seus amigos, por quem ele chama, vai à procura do pai (eventual activista político), restando uma esperança, ainda que vaga (a censura da época não permitia dizer muito mais), de liberdade: "Gaitinhas-cantor vai com o Sagui correr os caminhos do mundo, à procura do pai. E, quando o encontrar, virá então dar liberdade ao Gineto e mandar para a escola aquela malta dos telhais – moços que parecem homens e nunca foram meninos".

Soeiro Pereira Gomes (1909-1949) conviveu, em Alhandra, com esta mão-de-obra infantil, a quem, para além de tudo o resto, faltava a esperança. Embora Portugal não tivesse entrado directamente na guerra, eram dias duros esses que se viviam Portugal, tal como os do pré e pós-guerra. O autor não era da beira Tejo nem pobre como os meninos, mas a aventura da vida tinha-o colocado nos escritórios da Fábrica de Cimentos Tejo, que ainda hoje lá está, à beira da A1, depois de ter nascido em terras do Norte, em Gestaçô, Baião, de uma família de agricultores minimamente abastados (uma sua irmã, Alice Gomes, foi autora de livros infantis, tendo casado com outro escritor, Adolfo Casais Monteiro, que se exilou no Brasil, e um seu irmão, Alfredo Pereira Gomes, foi um professor de Matemática, também exilado no Brasil), de ter ido à escola em Ovar e de ter acabado o curso de regente agrícola na Escola Agrária de Coimbra, onde casou. Ainda tentou, como o seu colega do movimento neo-realista Alves Redol (1911-1969, o centenário do nascimento comemora-se este ano), singrar em Angola, mas a vida colonial não lhe correu bem. Acabou por encontrar emprego na empresa cimenteira, onde o sogro já trabalhava. Envolveu-se na actividade do Partido Comunista, de um modo cada vez mais progressivo que o levou a entrar na clandestinidade. Só sobreviveu oito anos ao seu primeiro e único livro publicado em vida, por ter sucumbido ao cancro do pulmão (sim, fumava muito). O Partido Comunista, que tem hoje sede na Rua Soeiro Pereira Gomes num edifício que ostenta também o mesmo nome, não cessou de homenagear a sua memória. Tenho em mãos uma edição das Edições Avante!, de 1979 (com uma introdução de Isabel Pires de Lima, professora da Universidade do Porto), que reproduz os desenhos feitos por Álvaro Cunhal para a edição original da Sirius. Há, de resto, uma foto que mostra Cunhal com Pereira Gomes a bordo de um barco no Tejo, onde os militantes se encontravam. Cunhal estava, em 1941, fora da prisão, embora no ano anterior ainda lá estivesse: foi sob escolta fazer exame de finalista na Faculdade de Direito de Lisboa, onde Marcelo Caetano o examinou a sua tese sobre a questão do aborto.

Em 1941 governava Salazar com mão de ferro e na cultura havia mão de Ferro. António Ferro tinha ajudado a erguer em 1940 a Exposição do Mundo Português, em Belém, que António Lopes Ribeiro filmou. O mesmo cineasta filmou uma grande manifestação no Terreiro do Paço de apoio a Salazar na Primavera de 1941, ano da estreia do seu filme O Pai Tirano. O palco principal da guerra estava longe, mas, na altura, com os panzers de Rommel a avançar no deserto, parecia que a Alemanha ainda a poderia ganhar. O conflito passava por Portugal: Lisboa era um ninho de espiões e, na província, havia minas de volfrâmio divididas por alemães e ingleses.

O movimento neo-realista tinha surgido à margem da cultura oficial. Redol tinha publicado em 1939 a obra que o inaugura: Gaibéus, ainda sobre os trabalhos no rio Tejo, embora nos campos mais a montante. E, em 1941, surgia em Coimbra o Novo Cancioneiro, incluindo a poesia neo-realista de Manuel da Fonseca (o centenário do seu nascimento também é este ano) e de Joaquim Namorado (que foi professor de Matemática da minha Faculdade em Coimbra). O neo-realismo, em oposição ao psicologismo e subjectivismo do modernismo português, queria de certo modo recuperar o realismo e o naturalismo dos finais do século XIX, mas acrescentado agora de um desejo de profunda transformação social. A inspiração literária provinha, entre outros, de Máximo Gorki, que tinha retratado o mundo soviético, ou, na língua portuguesa, de Jorge Amado (há quem tenha encontrado laços entre Capitães da Areia, uma das primeiras obras de Amaro, e Esteiros). Não se tratava tanto de retratar o homem e o mundo, mas mais de intervir para que o homem oprimido se libertasse no mundo. Mereceria comentário alargado a questão do papel social da literatura, que por alturas do 25 de Abril foi badalada à exaustão, mas aqui não há espaço. Como disse Luigi Nono, músico comunista italiano, para os revolucionários o "supremo acto cultural" devia ser a Revolução.

A censura durante muitos anos esteve vigilante a prevenir a eventual revolução, de modo que as palavras pensadas tinham de ser medidas antes de serem escritas.

Porque resistiram à erosão do tempo as palavras de um livro que parece à primeira vista tão datado? Acontece que começou por ser bem recebido. João Gaspar Simões, o crítico que esteve de serviço à literatura nacional durante muitos anos, louvou o romance pouco depois de ele sair, embora fazendo notar que ele sobressaía mais pela falta de concorrência do que por mérito próprio.

Poder-se-á também dizer que um romance sobre crianças condenadas à miséria é singular no panorama literário nacional, despertando emoções particulares. Depois, ou talvez sobretudo, há a componente política. Por razões mais ideológicas do que estéticas, o romance entrou para o cânone escolar, sendo de leitura obrigatória na escola, depois do 25 de Abril, para só sair, talvez ainda por razões ideológicas, passados alguns anos. Por isso, muita gente, mais ou menos jovem, o leu ou, pelo menos, teve obrigação de o ler.

De facto, o romance está bem escrito, sempre percorrido por metáforas que conseguem ligar o homem e a paisagem, sempre comunicando a mensagem da "exploração do homem pelo homem". Os excertos sobre uma cheia afogadora de muitas vidas (que ocorreu mesmo no Tejo em Fevereiro de 1941) são impressionantes. Como o são os excertos sobre a necessidade de as crianças roubarem para conseguirem sustento. Vale a pena terminar com um excerto da prosa de Pereira Gomes: "Calaram-se. Barcos, pombas e poente, toda a paixão daquele fim de tarde, entravam pelos olhos dentro do Gaitinhas, extasiado. Gineto, porém, só via os esteiros longos dos telhais, como dedos de mão arrepanhando águas. Os esteiros e as chaminés esguias das fábricas, que o crepúsculo enegrecia ainda mais."

literatura

Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil

O amor na Literatura para a Infância

José António Gomes
Núcleo de Estudos Literários e Artísticos da ESE do Porto

A celebração de mais um Dia Internacional do Livro Infantil (2 de Abril) leva-me a aflorar um tópico pouco tratado: a presença do amor em obras destinadas à infância. A hipótese que se me impunha era esta: o amor, ou, pelo menos, o amor entre homem e mulher ou entre pessoas do mesmo sexo parece não ser temática recorrente na literatura para crianças e jovens. Seria uma intuição verdadeira? Dediquei-me a desfiar, ao sabor do acaso, a minha memória da produção portuguesa dirigida a este público e, de imediato, a hipótese fraquejou.

Porque, para começar, logo recordei a história dos amores proibidos de Vanina e Guidobaldo, situada na Veneza do século XV e encaixada na narrativa de Sophia de Mello Breyner Andresen, O Cavaleiro da Dinamarca (1964), um dos nossos clássicos. Belos e apaixonados, Vanina e Guidobaldo fogem de gôndola para nunca mais serem encontrados por Jacob Orso, o ditatorial tutor de Vanina, e por Arrigo, o idoso pretendente. O pente que, sendo de ouro, não brilhava como os cabelos de Vanina, e a escada de seda que esta usa para fugir pela janela cumprem a função habitualmente cometida aos objectos mágicos no conto de fadas, sendo por isso dois dos elementos que fazem com que a história se enquadre num universo que a aproxima das narrativas tradicionais (havendo ecos de Rapunzel, mas também da lenda de Tristão e Isolda, referida aliás no texto de Sophia). Existe, por outro lado, certo paralelismo entre este episódio e o entrecho de Romeu e Julieta (1597), de Shakespeare, embora, em Sophia, o enredo conheça rumo oposto: um desfecho feliz para os amantes. A história de Vanina configura, pois, uma apologia da liberdade e do amor autêntico que cala fundo no espírito do leitor (e trouxe-me à lembrança os contos de fadas centrados no amor, de A Bela Adormecida a Cinderela, passando por A Bela e o Monstro, qualquer deles com múltiplas versões na tradição oral portuguesa.)

Depois, ocorreram-me exemplos relevantes do romance juvenil português. Como Guardado no Coração (2 vols., 1993 e 1994), de Álvaro Magalhães, narrativa de esquema policial, protagonizada por quatro jovens adolescentes do Porto, onde se desenrola uma bela história de enamoramento e paixão entre Joana e Gil, a que não faltam alusões intertextuais, por exemplo à poesia de

Rilke, poeta do amor e adicto das histórias de grandes paixões amorosas. Por seu turno, Caderno de Agosto (1995), de Alice Vieira, é apenas uma das obras da autora que mais directamente abordam o amor, mas sobretudo o matrimónio desfeito, o divórcio e a busca de um novo rumo para a vida de uma mulher (Luísa) na meia-idade. Num texto que, a cada momento, convida a entrar no seu jogo de humor e ironia, retenha-se o olhar arguto de Glória, filha de Luísa e narradora autodiegética, o modo divertido como observa, com a lucidez da sua adolescência, a comédia de paixões desastradas e equívocos sem remédio em que se vão atolando os adultos que a rodeiam.

No campo do texto dramático, é difícil esquecer Todos os Rapazes São Gatos (2004), de Álvaro Magalhães, em que não se esconde certa nostalgia da primeira juventude, fazendo-se emergir a oposição entre idade adulta, marcada no texto pelo sema da negatividade, e idade juvenil, que tem inscrita em si a positividade – um pouco como no conto de fadas. Diz uma das personagens: «Os rapazes e os gatos podem trocar as almas, os corpos, as energias.» (p. 26). Uma destas «energias» prende-se com o impulso amoroso e joga-se numa tensão entre pulsão de vida e pulsão de morte, no quadro de um entrecho de tipo fantástico, em que a adolescência surge identificada com a condição felina. Na escrita de Magalhães, a descoberta do amor, o desejo larvar, o despontar da paixão constituem tópicos de eleição, na esteira de textos anteriores, como Os Hipopóptimos: Uma História de Amor (2001) e outros.

No domínio do álbum para crianças, registo O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8) (2008), de Manuela Bacelar (texto e ilustração), onde se ousa abordar, com naturalidade, o amor entre dois homens e a adopção por casais homossexuais.

Ocorre-me ainda a poesia de Eugénio de Andrade para crianças, autor que, já em História da Égua Branca (1976), assinara um conto de tipo exemplar, com um esquema só na aparência tradicional, muito centrado nos equívocos decorrentes da incompreensão do instinto sexual. Do seu livro Aquela Nuvem e Outras (1986), guardo, por exemplo, um excerto do poema «Faz de conta»: «– Faz de conta que sou choupo. / – Eu serei pássaro louco, / pássaro voando e voando / sobre ti vezes sem conta. // – Faz de conta, faz de conta.» Neste poema, cujo título remete o leitor para o território da simbolização e do imaginário, trata-se, no fim de contas, de dar a conhecer o jogo intemporal da sedução amorosa, recorrendo quer a um núcleo de signos comuns na escrita de Eugénio de Andrade «para adultos», quer à forma dialogada, que permite escutar duas vozes. O poeta constrói então uma série de correspondências semânticas e fónicas (abelha/flor mais bela; choupo / pássaro louco e outras) que configura uma sucessão de metáforas de ressonância erótica, da qual ressalta a ideia de aproximação insistente da segunda voz (ou corpo) à que desafiadoramente diz «Faz de conta» (o primeiro corpo). Após um crescendo, o poema termina, porém, com a repetição do leitmotiv, como se sugerisse que o encontro dos dois corpos é impossível e que o interminável jogo – tão físico como mental –, vale por si.

Não resisto a apontar um último exemplo. Colho-o ainda em Álvaro Magalhães, no livro O Reino Perdido (1986), em especial num delicioso poema dedicado ao «Bombeiro»: «Ele apaga todos os fogos / mesmo o do coração da amada. / Só que esse é um fogo doce / que ele está sempre a apagar
para o voltar a atear.»

Bastou, em suma, meia dúzia de exemplos para a hipótese inicial perder consistência. O amor, nas suas múltiplas dimensões (já nem falo do amor materno, do amor paterno ou do amor entre irmãos), é um tópico com expressão não negligenciável nos livros para os mais novos. E apraz-me dizer isto, pois, numa sociedade mercantil e ferozmente individualista como a nossa, que tantas vezes incute nos seus filhos o culto da competição e é indulgente para com as suas pulsões egocêntricas, a presença deste tema indicia, pelo menos, que a educação dos afectos não é menosprezada pelos autores e ilustradores da literatura de que aqui me ocupei.

Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil

O exemplo de «Mig, a formiga comodista»

Paulo Francisco Carvalho

O segundo livro de Margarida Negrais «Mig, a formiga comodista» é apresentado no próximo dia 9 de Abril, na Biblioteca Almeida Garrett, Porto. Trata-se de um livro que se destina a crianças, mas em que os adultos podem perceber perfis humanos. Nele, uma formiga-macho preguiçosa, comodista, fechada sobre si, desconhecedora de tudo, mesmo das redondezas circundantes à lura onde se refugiava e, naturalmente por isso, nada sociável, é metáfora de traços comuns a certas pessoas, refere a sinopse do livro, que conta com ilustrações do pintor José Emídio.

Levi Guerra afirma no prefácio da obra que se "descobrem, subentendidos e encriptados, vários perfis comportamentais, além do da Mig, e como, sobretudo ela, foi forçada a reagir, regenerando-se pelas exigências que a vida lhe trouxe. No fundo, é mostrar como os erros na vida, pela própria vida se emendam".

Ao «As Artes entre as Letras», a autora, professora do ensino secundário e licenciada em Filologia Românica, e que publicou anteriormente «Histórias de Bichos», referiu que nos livros destinados a um público jovem é importante o aspecto lúdico para o conquistar.

"No caso de «Histórias de Bichos» e «Mig, a formiga comodista», os protagonistas são animais e o aspecto lúdico terá de ser encontrado aí: na presença de animais. Crianças das cidades e crianças dos meios rurais são grupos sensíveis a este factor", disse Margarida Negrais.

A respeito do exemplo positivo que pretende transmitir aos leitores mais jovens, explicou que no livro que agora vai ser lançado "a formiga, inusitadamente acomodada, preguiçosa e comodista, acabou por perceber, por circunstâncias da vida, que seria mais feliz se arrepiasse caminho. Portanto, espera-se, por extensão de sentido, que as crianças, ao lerem, adoptem determinados comportamentos e evitem outros".

Isto mesmo viu Levi Guerra na leitura do subtexto que fez e que expôs no seu prefácio. O mesmo viu também o pintor José Emídio ao antropormofizar as formigas patentes na história.

Como professora com várias décadas de prática em sala de aula, Margarida Novais entende que é "muito salutar o hábito de ler, na medida em que desencadeia o diálogo da criança consigo própria e, posteriormente, por extensão, com o mundo que a rodeia". E acrescenta que "não se trata de receber passivamente imagens e conteúdos diante de um qualquer ecrã, trata-se de construir sentidos despertos para veicularem o que recebem do exterior da pessoa até informarem a inteligência que, por sua vez, há-de iluminar o que vai ser a actuação da vontade".

A propósito do Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil, que se comemora a 2 de Abril, a autora – apesar de ressalvar que não é muito sensível a efemérides – aponta a vantagem de fazer nascer dinâmicas que, de outro modo, não teriam lugar. "Portanto, que haja um Dia Internacional do Livro Infantil, mas que as boas intenções expressas nesse dia sejam repetíveis nos restantes dias do ano e que correspondam, de verdade, a acções concretas na prática diária", conclui.

Dia Internacional do Livro Infanto-juvenil

O Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil assinala-se no dia 2 de Abril e tem como objectivo promover o gosto pela leitura e chamar a atenção para os livros infantis. A efeméride comemora-se no dia em que nasceu Hans Christian Andersen, desde 1976. O dinamarquês é um dos mais conhecidos autores da literatura para a infância e uma incontornável referência nesta área. É autor de histórias infantis como «O Patinho Feio», «O Soldadinho de Chumbo» ou a «Pequena Sereia».

SPA organiza encontro de literatura

A Sociedade Portuguesa de Autores realiza a segunda edição do Encontro de Literatura Infanto-Juvenil, dia 15 e 16 de Abril, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto. A sessão oficial de abertura está marcada para as 9h30 e contará com a presença do escritor José Jorge Letria, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores e da directora das Bibliotecas Municipais do Porto, Sofia Alves.

D. Afonso Henriques em romance juvenil

O romance juvenil que retrata a vida de D. Afonso Henriques, escrito e ilustrado por Pedro Seromenho, foi reeditado pela editora Paleta de Letras. Nesta obra, centrada no primeiro rei português, o autor leva o leitor até à Idade Média e envolve-o numa teia de conspiração, coragem e conquista, onde somente os históricos heróis conseguem prevalecer. Depois do sucesso conquistado junto dos jovens, que resultou na venda de oito mil livros, a Paleta de Letras decidiu lançar a 4.ª edição da obra «900 - História de um rei» que terá uma tiragem de dois mil exemplares. O livro revela-se uma autêntica cruzada, repleta de ilustrações realistas e de descrições pormenorizadas dos trajes, costumes, castelos e batalhas, que torna a História de Portugal numa redescoberta agradável para o público juvenil. O maior desafio de Pedro Seromenho foi o de combinar a História com a lenda e com o mito. "Inspirei-me sobretudo nos nossos grandes historiadores, mas também em grandes escritores de romances medievais como é o caso de Cornwell ou Montella", explicou.

conto

National Gallery
Room 9

Lourença Baldaque
escritora

Tenho uma amiga que estuda ópera em Londres. Ela é soprano e encontra-se na cidade há cerca de três anos. Num Carnaval, e porque não aprecio particularmente o Carnaval, fui visitá-la. Em Londres há essa festividade mas só em Agosto. Os aficionados desta celebração têm aqui um dos mais importantes carnavais da Europa, celebrado em Notting Hill, ao som de rumba e samba. Não reconheço Londres neste cenário, antes no nevoeiro, nos museus, no rio, nas pontes. Assim foi, tirei uns dias de férias e lá parti em direcção a Caledonian Road, zona de residência da minha amiga soprano. A chegada ao aeroporto de Heathrow deu-se pelo fim do dia, e só consegui ver Londres pela primeira vez à noite dentro do tube. Ali senti um certo resguardo, como terão sentido milhares de refugiados enquanto a cidade era bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial, e muitos artistas continuavam com os seus espectáculos underground. Foi quase inevitável senti-lo pois vejo muitos filmes de todas as épocas, mas já passei por esta fase em força, e era como se a cidade já me fosse totalmente familiar. Londres tem uma atmosfera bem explorada em Dickens ou Sir Conan Doyle entre tantos outros autores ou cineastas, que recriam nas suas obras o lado mais lúgubre do espírito inglês. Há nesta forma de ser algo em comum com o nosso país, com o norte em particular. Um certo silêncio das almas que vagueiam para ir ao encontro de uma rotina diária, e que é traduzida num certo sacrifício. O que é comum: o esforço e a reflexão exacerbada posta em tudo o que se faz, transformada numa missão de vida e de necessidade vital. De volta a Londres. Os museus levam-nos a conhecer das melhoras obras do mundo, um exemplo do que de melhor existe nas artes plásticas e arquitecturalmente falando, pois os edifícios que as albergam são por sua vez também de uma grande beleza. A minha visita à cidade ia ser curta, e por isso o meu objectivo estava bem definido: ver museus e obras que inspirassem a minha actividade criativa e que é escrever bem como pintar. Claro que queria também estar com a minha amiga e perceber como vivia, pois tenho vários amigos que escolheram outras culturas para desenvolver as suas actividades. Em Portugal não encontraram espaço para ampliar as suas inclinações profissionais. A minha amiga soprano dá-se com outros emigrantes portugueses, pessoas que vivem a cidade com as dificuldades inerentes à vida estudantil, de quem se agarra a bolsas para insistir nos sonhos. Vivem como que entre uma ficção e uma realidade que ainda não o é bem, embora os fracos recursos financeiros permitam que estejam bem acordados para a dura realidade que é vingar no meio artístico, como é o caso. Artistas dão-se bem com artistas, pois todos eles passam pelas mesmas dúvidas e anseios. Compreendem-se e amparam-se, no meio de contrariedades que lhes são comuns e familiares, pois a vida de criador é feliz quando se sente um reconhecimento, mas em grande parte é inquietante. A minha amiga tinha o dia preenchido entre ensaios e aulas, pois preparava-se para uma ópera, e eu tinha o dia cheio de visitas e câmbios nas linhas do metro. Acordava de manhã cedo, tomava religiosamente o pequeno-almoço e partia embora com algum frio, para estar cedo na rua. Visitei tudo o que me propus, e também gosto de vaguear pelas ruas sempre que viajo, sem um destino em particular e foi o que fiz em Londres também, observando as pessoas e a forma como andam por ali, sem nunca ou quase nunca, se olharem. Saberiam elas que estavam a ser observadas? Fiz o que fazem os londrinos, jantei um dos seus pratos preferidos: comida chinesa, com a minha amiga e o seu grupo de amigos portugueses. Eram todos muito simpáticos, e parece-me que fora do país a união entre conterrâneos se torna mais coesa, ao contrário do racismo social que se vive em Portugal. Fora não importa de onde vêm, importa sim que falem a mesma língua e tenham objectivos idênticos, como vingar em Londres. Uns conseguirão fazê-lo, outros – dura verdade – nem tanto. Voltarão ao país de origem com um sonho por cumprir. Mas lembro-me de que foi realmente um agradável jantar, além de estar muito bem servido, a conversa foi simpática e animada. Depois passeámos e fomos a um bar, ficámos por ali um pouco e cada um partiu para o seu destino, independente, pois a vida de emigrante tem disso também: um espírito de autonomia e despojamento de certas obrigações. Difícil é depois ter de habituar a regras paternais ou relacionais.

■*National Gallery*

conto

fotos: dr

■*Casa onde Dickens viveu*

■*Big Ben*

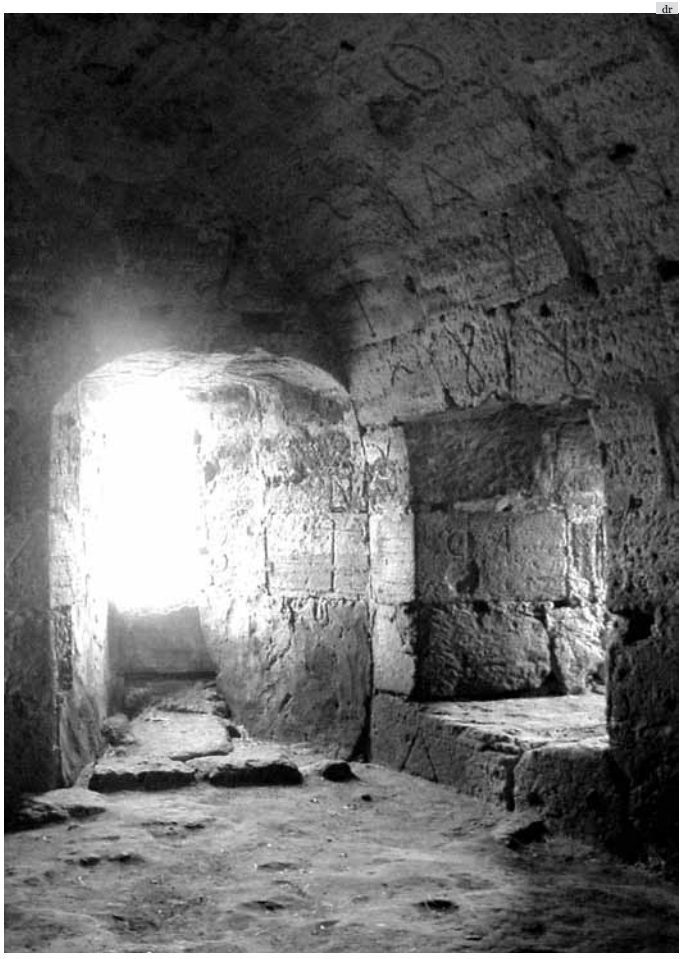
Mas embora a estadia corresse bem, o tempo não estava o típico londrino, e ainda me faltava ter aquela iluminação que geralmente se tem quando se conhece uma nova cidade. Já tinha visitado tudo o que me tinha proposto ver, tendo em conta o curto tempo: Tate Modern, British Museum, a casa onde Dickens viveu; passeei ao longo do rio Thames, admirei o Big Ben e por momentos imaginei o Peter Pan em seu redor com a sua vestimenta verde, pronto a trocar as horas dos londrinos. Faltava-me a National Gallery, que deixei para o fim pois sabia que ia ver boa pintura e ainda por cima sou apaixonada por esta arte tão difícil de realizar, quando se é demasiado exigente e perfeccionista... Trafalgar Square é o nome da bonita praça onde se situa, nome este espanhol e que recorda o bravo almirante Nelson – que se faz representar do topo da coluna que centra a praça, sendo que não haveria outra forma de o agraciar a não ser no cimo, no topo! Faleceu na Batalha que deu nome à praça, e para a qual foi sem um olho e um braço: ossos do ofício. Aqui visitei a National Gallery, com as melhores obras a nível nacional e que se podem visitar de graça. Boa aposta esta dos países civilizados de tornar a cultura for free! E Londres foi pioneira nessa medida, assegurando ainda que depois do expediente todos tinham acesso livre às exposições que exibiam nos respectivos museus. Continuando, andei pela Galeria admirando as obras que são de facto das melhores que já vi, ao vivo e a cores. E que cores; que feições; que tecidos; que perícia no uso dos óleos! De entre todas lá estava ela, coberta com um manto cinza metálico, só com a face descoberta, e a mão direita que se apoia numa das pernas; e embora não se percebesse bem, pois o manto cobria-a, parecia que o joelho esquerdo estaria pousado no chão e a perna direita de cócoras. A face está pousada sobre o joelho e olha de frente o observador. Pensei: que posição tão informal, que feição tão moderna, e que cinza tão actual! Aproximei-me para ver a data: cerca de 1535-1540. Afastei-me novamente e voltei a admirar a obra, e repeti mais do que uma vez em pensamento: século XVI? Voltei a aproximar-me: autor – Giovanni Girolamo Savoldo, nunca ouvi falar. Afastei-me novamente, e pensei quem seria aquele autor, que parecia saído do século XX com o uso daquele cinza e daquela pose, altamente descontraída? Depois de olhar um pouco mais a obra reli o título: Mary Magdalene. Era de facto uma representação de Maria Madalena ex-amante – alegadamente como se diz tanto hoje em dia –, mas santa. Savoldo representa-a no momento seguinte àquele em que Maria Madalena viu que Cristo já não estava na tumba. A comprovar o momento, o autor colocou a seus pés um frasco no qual se encontravam os óleos com os quais ela ia preparar o corpo de Cristo. Realmente, aquela visão do autor sobre aquela mulher revela por ela e pelo tema – em história de arte a sua personagem é vista como um tema – uma certa admiração e até uma afeição. Mas seria por Maria Madalena ou pela modelo que posava para o autor? Depois veio-me essa dúvida, pois muitas vezes apaixonavam-se por estas mulheres pagas à hora para posar, e que até se envolviam com os pintores. Era normal que assim fosse, pois um pintor desnuda a sua modelo, observa-a e serve-se dela na tela como bem entende, de maneira a atingir um auge na sua expressão e que se repercute na representação. Sei hoje que Savoldo não é considerado um pintor de referência, e embora tenha outras boas obras, onde também explora uma temática sacra, aqui atingiu de facto uma modernidade que nunca sairá de moda. É um quadro espantoso, com um olhar penetrante. Ah, aquele foi o meu momento em Londres, a minha iluminação! Desde então o quadro tem estado sempre presente na minha cabeça, lembro-me dele em certos momentos, pois é como se aquele sorriso me dissesse por vezes com complacência, tudo correrá bem ou estou feliz por ti, ou ainda, mantém-te serena. Ela esconde o seu corpo mas mostra o essencial: o olhar de frente, sem receio algum, como se dissesse: "Sim, sou a Maria Madalena! Sou assim, como vês, e não tenho receio de me mostrar. Todos querem saber a verdade dos factos, mas essa já se desvaneceu no tempo, ficam as dúvidas e as histórias, pois só eu sei o que aconteceu, o que eu fui e quem. Hoje sou santa, importa saber porquê: sacrifiquei-me e abandonei os meus vícios, despojei-me, mas também soube perdoar aqueles que me flagelaram. Sou Maria Madalena." Falei da obra à minha amiga, que não conhecia ainda, mas disse que a iria ver. Falámos dela, Madalena, como se a conhecêssemos e entendêssemos aquilo por que passou, as injúrias e os boatos de que terá sido alvo, mas falámos também nas mulheres daquele tempo, que tinham uma importância para a sobrevivência dos homens que depois perderam, para a ganhar novamente séculos mais tarde. Para mim esta mulher representa todas as mulheres, de qualquer época, e por isso talvez o autor tenha pegado num tema do século I d.C, representado no século XVI mas com feições de uma época que era posterior à do autor. E por isso, e como em todos os autores, Savoldo tem aqui a sua obra vanguardista. Maria Madalena é a mulher confidente, fiel, mas também a desejada e cobiçada pelos segredos que tinha e pelo corpo, pela beleza. Não sucumbiu pois talvez amasse Cristo de uma forma arrebatada, diferente do amor dos seus discípulos. É a mulher que perdeu este amor, pois Ele teve uma missão maior, acima do amor por ela, mas antes por todos. Uma história de amor complexa e tão cúmplice. Assim foi em Londres, com a revelação de Maria Madalena.

lusofonia

Em memória de Rui Nogar

Silêncio Escancarado

Jorge Viegas
poeta e declamador



dr

Um título percuciente. Um título que nos diz: "Eu sou o grito claro da liberdade a agitar a noite ignominiosa da mentira e do medo." Rui Nogar foi, para além de poeta, um agitador político e por isso um personagem histórico, cujo nome nunca poderá ser esquecido. Em concordância com a sua escrita assumidamente ideológica, viveu de forma empenhadamente subversiva: "era este e muito mais / o universo da subversão / que do silêncio às palavras / nos revelava claramente / o caminho da revolução".
Os versos de "Silêncio Escancarado" registam uma contestação veemente dos valores respeitantes às ideologias que enformavam a organização social, como também as relativas à teorização da arte – entenda-se da poesia.
Num dos seus poemas de "Silêncio Escancarado" podemos ler que "eles hão-de fazer uma lei / para que sejam cultivados terrenos / os terrenos deles / uma lei / para que sejam construidas casas / as casas deles / uma lei / para que sejam pagos erros / os erros deles / uma lei / para que sejam perdoados crimes / os crimes deles."
O poeta dá por caducas as antigas fontes propiciatórias da inspiração de alguma poesia – "não mais velhas tetas de inspiração" – e, nas suas mãos, imagina as pedras "uma a uma reanimadas / no fluxo dialéctico / da minha própria inspiração." E revitalizado pela perspectiva duma intifada libertadora proclama: - "atira-lhes essa pedra / atinge-os em cheio / e esmaga / esmaga as conveniências / que a burguesia libidinou."
Circunscrito ao seu fluxo dialéctico afirma o seu distanciamento aos outros modos de se ser poeta: "e daí ainda nos sobram vivos / vários poetas trasladados / jazendo subjectivados / nas catacumbas do simbolismo."
De forma curiosa Rui Nogar confessa o seu total desapego pela religião, e constata a inexistência da sua alma como entidade salvável: "descobri em mim / subitamente / um novo espaço disponível / mesmo no sítio / onde estaria talvez / (todos assim m'o dizem) / uma alma me habitando / nem eu sei porquê / nem para quê."
Paradoxalmente, a descoberta desse vazio na sua interioridade, incentivou o seu grande sentido de solidariedade: "a verdade é que fiquei / com muito mais espaço / muito mais / para respirar / e o amor pelos outros / que cabia apenas no coração / (conforme nos haviam sempre ensinado) / invadiu logo / esses devolutos latifúndios."
A rasura dos valores antigos atinge o seu ponto limite na violência degradativa de algumas imagens: "por entre as fezes doutros poemas / que o limo dos pântanos foi compondo / ao longo de séculos de inanição." A poesia militante, panfletária e de significação directa, no seu lastro comunicativo massificante, é apontada como sendo inadiavelmente necessária: "do silêncio às palavras / é o universo da subversão / os panfletos e o vento / na dialéctica do verbo " – "ouçam bem, companheiros / aqui em Moçambique / cada poeta, poeta-mesmo / é agora um guerrilheiro" – "para que libertem os meus poemas / em milhões de outros poetas" – "ah sinto-me já este poema / que despertou em mim / e em outros doze milhões de cidadãos / construindo com suas mãos / uma bela pátria socialista."
No tempo presente algumas das ideias-força dos poemas de Nogar serão tidas como demasiado prisioneiras do seu tempo. Mas há poemas do "Silêncio Escancarado" com os quais nos é fácil acertar o passo. Como, por exemplo, quando o poeta faz a crónica da sua estadia (8 anos) no Pavilhão 7, cela 20 (Cadeia da Machava) num poema que transmite com fidelidade a pulsação desmedida do silêncio nocturno numa prisão: "à noite as almofadas / são mais duras e desconexas / o colchão regurgita / famintas maçarocas / mordendo-nos o sono / e a crosta dos pensamentos." – "à noite os guardas são mais guardas / gargalham na orla do nosso cansaço / dedilham nas grades da nossa obstinação." – "à noite oh à noite / o silêncio é mais silêncio / e rebenta-nos os tímpanos / hipertensos de expectativa." E não são apenas as maçarocas a perturbar o sono. Também "os percevejos são agressivos / mais agressivos e numerosos / do que nunca / e mosquitos minuto a minuto / mergulhando céleres / sua adagas no cerne da nossa angústia / despertam-nos o cosmos da impaciência".
Metáforas como "a crosta dos pensamentos" ou "as grades da nossa obstinação" são verdadeiros achados de expressividade. E em vários poemas do livro onde a arrogância sem limites dos "donos do mundo", como, por exemplo, aquele que nos diz: "vender armas em 5ª mão / depois que habituadas / aos massacre por aí / (para que sejam mais mortíferas / só de seu uso exclusivo / nas suas guerras mais privadas)". Poemas sempre entressombrados na incomunicabilidade imposta pelos guardiões da noite intérmina das palavras humilhadas, domesticadas, aprisionadas, onde só as notas soltas de música preludiavam o futuro através do transistor de um guarda ao fundo do corredor: "Um farrapo de música nos basta / para remendar / esta longa longa solidão / que lenta / e passo a passo / nos arrasta / para os becos fraternais / duma nova nação / um farrapo de música apenas."

lusofonia

Eliardo França

A música como inspiração

Jorge Sanglard
jornalista e pesquisador

A vida de Eliardo França é o desenho e a pintura, em meio à literatura. Nestas primeiras décadas do século XXI, inspirado pelo jazz, blues, rock e MPB, o artista plástico mineiro vem se envolvendo, cada vez mais, com a música de Miles Davis, Charlie 'Bird' Parker e Dizzy Gillespie – a santíssima trindade do bebop –, assim como a obra musical de Jimi Hendrix, Billie Holiday, Tom Jobim, Milton Nascimento, Geraldo Pereira, Luiz Gonzaga, Carmen Miranda, Adoniran Barbosa, Stanley Jordan e Dudu Lima, entre muitos outros.
O resultado deste mergulho no universo dos mestres da música é a inspiração para que a sedução da figura humana se revele sem limites em uma série de óleos sobre tela, desenhos e gravuras. Para celebrar o primeiro aniversário das novas instalações do Cultural Bar, em Juiz de Fora, Minas Gerais, no Brasil, neste dia 31 de março, Eliardo é o convidado de honra em uma exposição intitulada «A música como inspiração», no mezzanino da casa noturna underground. E um show com o cantor, compositor e violonista Moraes Moreira agita a noite e promete transformar tudo em festa.
A linguagem visual permeia o dia a dia deste ilustrador de Minas Gerais que, num bosque em Juiz de Fora, montou um estúdio de arte e passou a viver. Ali, Eliardo extrai a essência do sonho e elabora a fantasia com precisão ao criar, junto com a escritora Mary França, algumas instigantes e inventivas personagens infantis e infantojuvenis da literatura brasileira. E, ultimamente, também encontra tempo para se dedicar à pintura de personagens adultas envoltas em música.
Ao abolir o cenário – que, às vezes, aparece acidentalmente e apenas quando é absolutamente necessário – Eliardo faz com que suas figuras inspiradas na música ocupem todo o espaço da tela. O fundamental em sua pintura é a figura humana e a sua construção, mergulhada na atmosfera musical, em especial do jazz, do blues, do rock e da MPB. Na verdade, o jazz é a ligação, é a linha melódica entre muitos trabalhos desta investida do artista e, a partir daí, Eliardo buscou inspiração também em outras vertentes musicais. A intenção de Eliardo com esta exposição é construir uma composição, onde cada obra possa ser vista como uma nota. Assim, os instrumentos são coadjuvantes nos quadros e remetem ao centro da questão, ou seja, a música alinhavando a figura humana.
Muitos dos trabalhos foram criados pelo artista especialmente para ilustrarem textos publicados no jornal As Artes entre As Letras, no Porto, em Portugal, e também veiculados no portal Cronópios, em São Paulo. Como três trabalhos retratando o cantor e compositor Milton Nascimento, um ícone da melhor

«Coração de estudante», ilustração de Milton Nascimento por Eliardo França

música brasileira. Admirado em todo o planeta, Milton tem uma especial relação familiar e de amizade em Juiz de Fora, de onde é até cidadão honorário. Ao se inspirar na música de Milton para criar as três imagens de Bituca, Eliardo mergulhou na essência de Minas Gerais e o resultado é o cantor flagrado em situações diversas, inclusive tocando contrabaixo acústico, como fazia no início da carreira.
Algumas pinturas de grande porte, inspiradas nas gravações de «Porgy and Bess» – da ópera de Gershwin – realizadas por Miles Davis a partir de arranjos de Gil Evans, em 1958, integram a mostra como uma suíte e trazem o trompetista como pólo irradiador de inventividade. A tela intitulada «Summertime», que sintetiza essa nova vertente trilhada por Eliardo, insinua uma cortante rajada curta do sopro de Miles Davis ao ganhar tons de vermelho e o artista plástico, como um jazzista, revela em sua pintura que o essencial é deixar fluir a sensibilidade do criador. Afinal, o jazz é uma linguagem musical cuja vitalidade está na constante transformação.
A maneira de criar e transformar a música é tentar sempre inventar maneiras de tocar, afirmava Miles Davis, um dos maiores nomes da música criativa no Século XX. E Eliardo França partiu daí para avançar rumo a novos caminhos em sua arte, criando uma pintura excitante e vigorosa, embalada pela música dos mestres. A colaboração entre Miles Davis e Gil Evans, que motivou Eliardo nesta mostra impregnada do mais puro jazz, teve início a partir do verão norte-americano de 1948, quando o arranjador deixou de trabalhar para a orquestra de Claude Thornhill. Juntos, Miles e Evans, criaram «Birth of the cool», «Miles Ahead», «Porgy and Bess» e «Sketches of Spain». Até 1960, os dois criaram bases sólidas para o jazz moderno. E foi aí, nesse caldeirão sonoro que Eliardo se inspirou.
Miles Davis (1926-1991) viveu buscando coisas novas para tocar e enfrentou inúmeros desafios para desenvolver suas idéias musicais. O impacto do jazz e da música criativa na pintura de Eliardo França pode ser sentido por inteiro nas telas, gravuras e desenhos reunidos agora para comemorar o primeiro ano das novas instalações do Cultural Bar, um templo underground da boa música em Juiz de Fora. Com uma vantagem, todos os trabalhos, nas mais variadas técnicas, estão à venda e poderão ser adquiridos durante o período em que a exposição estiver montada no mezzanino.
Esta mostra é puro jazz, blues, rock e MPB. Vale a pena ver e ouvir.

«Summertime», ilustração inspirada em Miles Davis por Eliardo França

arte

«Silêncios» na Árvore

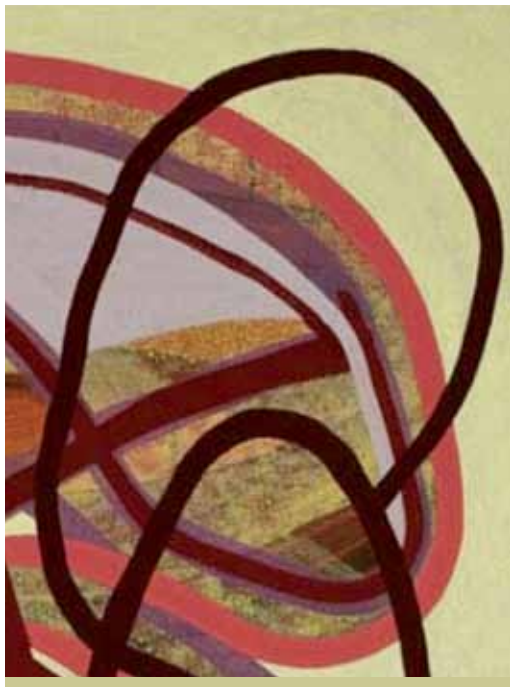
A exposição de pintura «Silêncios», de Maria Dulce Barata Feyo, é inaugurada no dia 2 de Abril, às15h30, na Cooperativa Árvore, Porto. Com entrada gratuita, pode ser visitada até ao dia 27. "A pintura da Dulce B. F. atrai-me, seduz-me e captura-me num contágio afectivo, num derrame emotivo naquela sensualidade do entendimento e da sua razão gulosa", diz Miguel Veiga sobre a obra.

«Paisagem de um Povo» em Espinho

A exposição «Paisagem de um Povo», da autoria de Fátima Melo, está no Centro Multimeios de Espinho até ao dia 10 de Abril. Trata-se de um trabalho – da colecção do Ministério dos Negócios Estrangeiros – constituído por 15 obras que retratam a temática do folclore português

Ílhavo acolhe «Nadir Afonso – Retrospectiva»

O Centro Cultural de Ílhavo (CCI) celebra o seu terceiro aniversário a exposição «Nadir Afonso – Retrospectiva», que pode ser vista até 19 de Julho. Nestes três anos de programação regular, o CCI recebeu mais de 110 mil visitantes, com uma taxa de ocupação média de 75 por cento em todos os espectáculos.



«Habito o Mundo» na galeria do Palácio

A exposição «Habito o Mundo», da autoria de José Emerenciano, está patente ao público na Galeria do Palácio - Biblioteca Municipal Almeida Garrett, Porto, até ao dia 30 de Abril. Pode ser visitada de terça a sábado, das 10 às 18 horas, e aos domingos, das 14 às 18 horas.

«O Traço e a Cor» de Collado

A exposição de José González Collado «O Traço e a Cor» está patente ao público até 10 de Abril na Galeria Vieira Portuense. O pintor, que nasceu em Ferrol em 1928, já recebeu diversos prémios. O primeiro foi aos 17 anos na Exposição de Arte, Educação e Descanso, em La Coruña (1943).

arte

Mostra do Grupo Puzzle (1976-1981) na Figueira

O Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz acolhe até 3 de Julho a exposição «Pintura Colectiva = Pintura Individual», do Grupo Puzzle (1976-1981). Dario Alves, Armando Azevedo, Carlos Carreiro, João Dixo, Albuquerque Mendes, Graça Morais, Fernando Pinto Coelho, Pedro Rocha, Jaime Silva compõem o grupo que – como explica Paula Pinto, a curadora da mostra – foi "fundado em Fevereiro de 1976, muitos deles sem se conhecerem". "A mostra reúne, pela primeira vez, um conjunto alargado da obra do Grupo Puzzle, partindo de um encontro com trabalhos que se encontram desintegrados, desaparecidos e fragmentados. São pinturas que foram destruídas durante performances, outras que foram voluntariamente fragmentadas antes de serem entregues a diferentes coleccionadores, pinturas que se foram perdendo com o tempo, outras que perderam o sentido fora do contexto para o qual foram executadas, outras ainda destruídas pela vontade de alguns elementos do colectivo em momentos de cisão. Pinturas dispersas que voltam a ser reunidas. O encontro destas pinturas com materiais de imprensa, documentos de época, registos fotográficos e cinematográficos ou mesmo de arquivos institucionais permite ainda assumir esta exposição como um objecto contemporâneo de reflexão sobre questões outra vez pertinentes".

Bandeira Portuguesa, 1976. Colecção F.C.G. - Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão, Lisboa

Apontamentos do Nu» em Setúbal

A exposição «Apontamentos do Nu», da autoria de Pé-Leve, é inaugurada no dia 9 de Abril, às 16 horas, na galeria de exposições temporárias do Museu Geacometti, em Setúbal. A mostra, desenhos a carvão sobre tela (25) e esculturas em pedra e bronze (seis), vai ficar patente ao público – de terça a sábado das 10 às 18horas – até ao dia 28 de Maio. O autor diz que pretende "proporcionar aos visitantes um contacto mais directo com o corpo, o nu e o seu erotismo, estimulando a sensibilidade de cada um, e dos artistas em particular".

«D. Carlos I, fotógrafo amador»

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, acolhe até ao dia 2 de Julho a exposição «D. Carlos I, fotógrafo amador». São 46 imagens, em reprodução digital, obtidas a partir dos originais da época, pertencentes ao Arquivo Fotográfico da Fundação da Casa de Bragança – Paço Ducal de Vila Viçosa, a maior parte assinadas e legendadas pelo Rei D. Carlos. A exposição procura estabelecer uma ponte entre a arte fotográfica praticada pelo soberano e o testemunho da sua própria vida e do seu tempo.

«Porto Interior» no CPF

A mostra de fotografia «Porto Interior», de Inês d'Orey, continua patente no Centro Português de Fotografia, no Porto, até ao dia 15 de Maio. "Quando pontuados pela ausência de qualquer ser humano, os espaços interiores de edifícios públicos e semi-públicos da cidade são atingidos por uma alteração no seu significado e na identidade que imprimem ao Porto. O que a cidade representa torna-se assim mais extremo"... Inês d'Orey regressa com novas incursões dispersas no tempo e no espaço do Porto. Depois do prémio Novo Talento Fnac Fotografia 2007, "a (re)descoberta da cidade tem continuado. Ao contrário das aparências mais imediatas, a cidade parece estar a crescer, intimamente"...

Beatriz Pacheco Pereira estreia-se no Porto

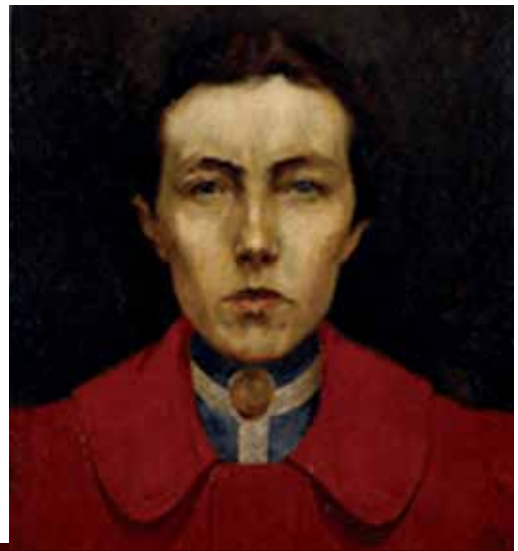
É inaugurada no dia 4 de Abril, no Palacete Viscondes de Balsemão, Porto, uma exposição de escultura de Beatriz Pacheco Pereira. «Corpo Inquieto» conta com quatro dezenas de peças, na maioria em bronze, e é a primeira realizada no Porto pela também escritora e fundadora do Fantasporto. Navegando pelos corpos de homens e mulheres, a escultora descobre as linhas escondidas das emoções humanas, nas suas relações com o individual e o social. A mostra estará patente ao público até ao dia 29 de Abril e conta com o apoio da Câmara Municipal do Porto.

arte

Jorge Queiroz, sem título 2007

«Recordações da Casa Rosa»

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves tem patente ao público até ao dia 12 de Junho uma exposição de trabalhos da sua colecção, que põe em confronto obras de Paula Rego, António Areal e Jorge Queiroz. A mostra, com o título «Recordações da Casa Rosa», confronta os universos dos três artistas, que em comum apresentam o recurso à figura e à narrativa. E podem ser facilmente associáveis a uma biblioteca surrealista, transportando-nos para uma dimensão onírica, transgressora dos limites da representação. Mais do que um trabalho de influência surrealista, são exemplares daqueles casos excêntricos e singulares pelos quais os surrealistas se interessavam.



Matéria da pintura...

A exposição «Matéria da Pintura: obras de Francisco José Resende, Marques de Oliveira e Aurélia de Sousa» integra-se no Projecto Materiais e Técnicas de Pintores do Norte de Portugal desenvolvido no Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. A mostra está patente ao público no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, até ao dia 30 de Abril. Durante a exposição terá lugar o workshop «A Experiência da Pintura - Auto-retrato a óleo», cujas inscrições são gratuitas.

Territórios do Sagrado

«Santiago Ydáñez - obra recente» está patente na Galeria Fernando Santos, na Rua Miguel Bombarda, no Porto, até 23 de Abril. Trabalhando muitas vezes a uma escala monumental, Santiago Ydáñez inscreve-se no raro grupo de artistas desta geração que trabalha a pintura a partir do território da figuração. Mais do que qualquer outro tema, a representação do rosto humano adquire na sua obra capital importância, ainda que de modo algum em absoluto. Nela são também frequentes as representações de animais, especialmente os submetidos ao trabalho de taxidermia, corpos nus, figuras religiosas, paisagens nevadas e, recentemente, imagens apropriadas à iconografia das tradicionais Festas de Inverno de Trás-os-Montes. Levantando questões como a da auto-representação, a sua matriz referencial encontra-a no recurso ao próprio rosto...

Cristina Abecassis expõe na Árvore

A Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, no Porto, inaugura a exposição de escultura/objectos de Cristina Abecassis, nas salas 2 e 3, no dia 2 de Abril, pelas 15h30. Cristina Abecassis faz um percurso entre o etilismo e a decoração de interiores como profissional, dedicando-se à feitura de bonecos em papier maché a partir de 2008. Em 2009 fez a primeira exposição na galeria Dolce Vita Porto e em 2010 expôs na Fundação Escultor José Rodrigues, no Porto. A mostra está patente até ao dia 25 de Abril.

«As Paredes Têm Ouvidos...»

A Galeria e Oficina de Arte João Pedro Rodrigues (Rua Nossa Senhora de Fátima, Porto) acolhe até ao dia 7 de Maio «As paredes têm ouvidos…», de Manuela Pimentel. "Paredes que contam histórias. Que abrigam amores. Dividem espaços. Unem e separam. Como se tudo isso fosse uma mesma coisa. Como se tudo isso não fosse, mais ou menos distraidamente, a nossa vida. Azulejos antiquíssimos que são a história de um país. De uma cultura. Tapados por cartazes que anunciam histórias que ainda estão por acontecer. Espectáculos, exposições, manifestações. Gente que escreve por cima das paredes. Dos azulejos. Que rasga os cartazes. Que cola por cima. Que conta pedaços da sua história, declara amores, revoltas, desejos. Que barafusta. Que deixa mensagens que nos habituámos a não reparar". Pedro Lamares escreve sobre a artista: "Manuela Pimentel desemparedou as mensagens. Arrancou cartazes. Pintou azulejos. Reproduziu mensagens de amor, e outras, que insistiram em falar com ela. Rasgou pedaços e deixou-nos espreitar o coração do seu trabalho"…

razoar III

7 (hipóteses) sobre o Facebook

Paulo Ferreira da Cunha
lusofilias@gmail.com

Já não tenho tempo para o FB. É um dado objectivo. Sou professor universitário, profissão outrora tranquila e respeitada, mas que cada dia se torna inimaginavelmente mais complexa, exigente, absorvente e creio que até missão "impossível", pois nela se tem de servir, a tempo muito mais que inteiro, a cada um de muitos e desencontrados senhores. Antes, era quase uma profissão liberal: pelo menos era livre! Noutro dia explicarei.
Assim, nos tempos que correm, não posso de maneira nenhuma ter tempo sequer para a vida normal, que fará para mais uma vida, virtual.
E contudo tentei. Assisti a coisas muito interessantes, de pessoas que – felizes! – têm tempo. Músicas quase sempre interessantes, reflexões curiosas, conversas que despertam. Mas também assisti, diga-se, a interminável e quase sempre estéril ping-pong polémico (e paradoxalmente eu teria vontade – mas não fôlego – de o fazer crescer, porque radicalmente estou em desacordo com muitas coisas que parecem consensuais).
Da minha experiência no FB tiraria as seguintes conclusões:

1) HÁ MAIS MUNDO
Há mais mundo cá fora. O FB e outras redes sociais podem ser enclausurantes e impedir-nos de viver. Get a Life... digo a mim mesmo.

2) TROCAR POR MIÚDOS
Há coisas muito complicadas, que não ganham em cair na discussão por tutti quanti.
Perdoar-me-ão, mas não consigo explicar a teoria da relatividade a toda a gente. Até porque não sei se a entendi bem. Contudo, há sempre pessoas lestas a explicar não uma teoria, que vem em livros, e é pública, mas até, v.g., as conspirações de governos, partidos e potências estrangeiras, que são coisas – mais ou menos – secretas. A tirania do logos exerce-se aqui de forma absoluta, e em alguns casos recordo o ar grão-senhor em filosofia (na verdade em outras filosofia ou outros futebóis) de que falava Kant.

3) NÃO TENHO VOCAÇÃO PARA GURU E SOU UM PACÍFICO CIDADÃO CUMPRIDOR DAS LEIS
O jogo dos íconezinhos com dedos polegares para cima e para baixo, em comentário, que lembram o circo romano, leva a que se digam coisas bombásticas, de efeito fácil, e que a adrenalina dos apoiados e apoiantes fomente mais ditos que podem resvalar para a demagogia, mas que são, pelo menos, de grande simplismo. Adrenalinas que mutuamente se engendram e alimentam. Bola de neve que pode em alguns casos ser perigosa se alguém resolver transpor a barreira para a realidade. Tenho lido no FB discursos incendiários, que chegavam para uma dúzia de revoluções. O que hoje se passa no Norte de África aí está a comprová-lo. Há grandes inteligências frontais e eloquentes, mas eu falo da regra, não da excepção. De uma maneira geral, o mal não está nos grandes (seja de que lado estejam), mas nos pequenos que os não entenderam.

4) O INDELÉVEL
Uma vez dito o erro, ou mesmo a "calúnia", etc., o efeito de propagação e o impacte são tais, que não há reversibilidade possível (D. Bazilio dixit). Podemos contraditar, mas o repor a verdade parece apenas só mais um argumento. E se o nosso contraditor falar alto, for eloquente, ou pelo menos muito contundente, apelar ao sentimento, e tiver muitos dedos polegares a seu favor, qualquer verdade é esmagada.

5) O BOMBÁSTICO É MUITO MAIS VEROSÍMIL QUE O VERDADEIRO
A verdade é mais nuanceada, verrumante, complexa. Mas não passa. Não é audível.
Se pessoas tranquilas e ponderadas, não totalmente autistas, fossem explicar no FB o que realmente sabem (julgam saber... que é que se sabe mesmo?) sobre algumas coisas que lá se dizem, achar-se-ia que inventam um bizantino conto de fadas. É mais simples apontar a dedo os suspeitos do costume. E louvar uns tantos bafejados pela sorte realmente vai-se lá saber por quê.

6) SIMPATIAS INESPERADAS
Também já me aconteceu apoiarem postais meus pessoas que não acredito que concordem mesmo comigo. Mas fica-se sempre contente com a simpatia pessoal, claro. Ou então, pode ocorrer que do nada nasça uma absurda objecção, por parte de um fanático que embirrou com uma expressão, ou (o mais normal) não entendeu o que alguém queria dizer.

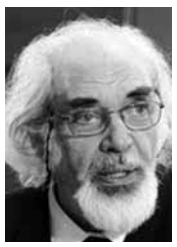
7) LIBERDADE DE EXPRESSÃO?
É grande a polémica, e até algum alarido pouco consequente, sobre a liberdade de expressão na Internet. Creio que no FB não há qualquer censura. Ignoro como funciona a privacidade, que, objectivamente, é um outro elemento dessa liberdade. Mas, no que toca à possibilidade de exprimirmo-nos, nunca senti constrangimentos institucionais. Nunca vi ou ouvi um qualquer big brother policiando o que dizia. Porém, há outros problemas com a liberdade de expressão. Um deles é que, apesar de haver por vezes polémicas bravas, em geral, o tom é de unanimismo. E talvez até aconteça mais concordar-se sem se concordar do que encetar-se uma polémica. Alguém me disse que isso era porque os FBookianos são pessoas cansadas, que vêm ao FB para descontrair, não para comprar brigas. Será. Mas essas águas plácidas não são de molde a que se exprima cabalmente o que se pensa. Pode ser que haja opiniões caladas, para não destocar do quadro, ou pelo tal cansaço. Assunto a repensar. Fico por aqui. Claro que muito disto é comum com o mundo real. Mas no FB está em estufa e tudo se ouve com maior eco.
O FB é um sorvedoiro de tempo, e nem sempre uma ágora de conversas com as condições ideais para o verdadeiro, saudável e proveitoso trocar de ideias. E agora a nova versão "obriga-nos" todos a dizer, nas nossas páginas, que "trabalhamos" para a empresa X ou Y. Já dizer que trabalho para a "empresa" Universidade me custa. Será que um ministro trabalha para a "empresa" governo, um deputado para a "empresa" parlamento e um juiz para a "empresa" tribunal? Essas pequeninas imposições, sacrificando à geral mania empresarialista, fazem descer a qualidade uns tantos pontos. Formatam. E formatar é subjugar.
E apesar de tudo, vítimas de outro jugo, lá de novo vamos brincar no FB.

dr

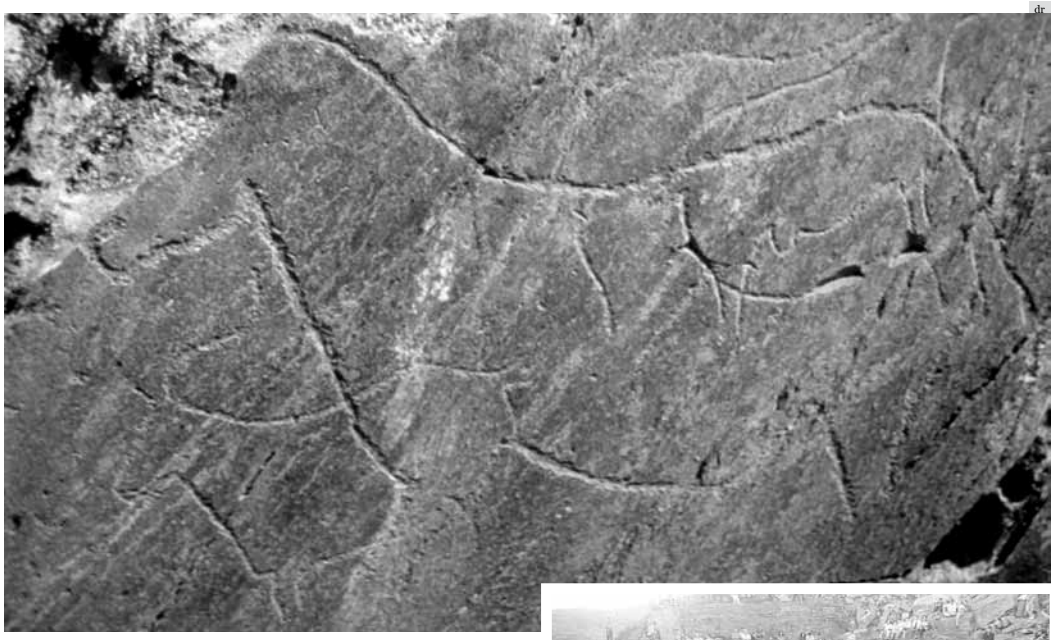
memória

... de um visionário actuante (capítulo 3)

Bailado Foz-Côa, Tsunami e desastre nuclear em CD da numérica



José Atalaya
maestro



dr

Um título como este – o que não acontece hoje, às 7 da manhã do dia 23 de Março de 2011, enquanto escrevo este terceiro capítulo da minha *Memória de um visionário actuante* – provocaria decerto em qualquer leitor e em qualquer parte
do mundo, do Japão à Europa, a maior perplexidade. Com efeito, como poderia isto suceder? Acontecem
dois terríveis cataclismos no Japão, neste fatídico Março, acontece também agora este título, em letras gordas, pelo qual se anuncia a gravação em disco de uma obra que exprime em Música, em sons orquestrais, gerados em computador, e em sua máxima força, o efeito emocional de terrível desastre de ressonância mundial ocorrido (quinze dias antes!) no Japão. Como?
Esse título não aconteceu, mas vai impulsionar (com força!) o nosso querido jornal neste número, em 30 de Março.
Como explicar a coerência, a racionalidade desta afirmação introdutória? **É que não houve milagre algum**.
Nem produzido pelo Atalaya, nem pelo Bruno Belthoise (compositores). Nem sequer pelo editor discográfico (Fernando Rocha) magnificamente assessorado, como se sabe, por Fredrick Gifford – que poisou no Porto, vindo de uma das mais conceituadas firmas da especialidade dos EUA.
Repito. Não houve milagre criativo algum, nem formidável rapidez e eficácia tecnológica, por parte dos especialistas (músicos e técnicos) da nossa querida *Numérica*.
A Numérica é admirável, sem dúvida, **mas... não produziu, em Março de 2011, nenhum "milagre".**
TSUNAMI E DESASTRE NUCLEAR correspondem às duas últimas faixas de **CD editado. Já distribuído pela Numérica, desde DEZEMBRO do ano passado!**
Revelado… tudo está, mistério fugiu...
Devo acrescentar que, devido ao êxito do disco, em Dezembro, já em Janeiro (temos bons empresários até na edição fonográfica) foi decidida a sua rápida reedição. Fevereiro ou Março deste ano. Muito valorizada, esta reedição porque o próximo CD será, mais propriamente, em Março-Abril... **ÁUDIO-LIVRO !**
Subvencionado pelo Ministério da Cultura, comandado por Gabriela Canavilhas. Dezenas de páginas – fotos, caracteres mais legíveis, os quais identificam cada uma das suas 79 faixas (outra novidade da editora), com outros tantos comentários, brevíssimos, redigidos de forma acessível a qualquer melómano. Para além do título (sugestivo para qualquer ser inteligente e que acompanhe o que se passa no mundo), a música deste novo CD de *Geografia da Música* conta em sons da mais extrema vanguarda musical, de facto, o arrasador tsunami, com suas terríficas consequências, nuclear, para as quais já estávamos alertados há 25 anos.
Convirá, contudo, interromper por momentos este discurso dramático para acrescentar que antes desta mensagem de terror provocada pela Natureza (talvez enfadada com os humanos desvarios) há no mesmo disco situações de bonança e de sinal contrário. Explico-me já, lesto e feliz antes de prosseguir e abordar hoje, como prometi na anterior *Memória*, as desconhecidas e recentes virtualidades da música poliédrica.
Urgente interromper de imediato esta exaustiva introdução informativa, acerca deste número do jornal As *Artes entre As Letras*, valorizado com a excelente foto de um concerto ao ar livre, em Foz-Côa. Mas que terá a ver esta excelente foto de um jornal diário com o Tsunami acima referido? Com a premonição de um cataclismo nuclear? No CD de Dezembro rebenta premonitoriamente o planeta Terra inteiro, tudo em 7 minutos!
Tem a ver com música poliédrica!
Cuja vertente portuguesa nasceu do **Bailado Foz-Côa**, "computer music" desenvolvido por mim, no meu país, depois de me iniciar em Florença (Maio de 1968) em "música electrónica" com Pietro Grossi, autor mencionado nas páginas da Internet como um dos três máximos e históricos introdutores em Itália da música electro-acústica.
Desse contacto pessoal e do consequente convívio pedagógico, em Lisboa, com António R. Feyo – técnico superior da Toshiba a poderosa multinacional que Feyo representa em seminários europeus (Alemanha, etc.) – nasceu a minha conversão TOTAL à música electro-acústica.
Obra capital, por enquanto: Bailado Foz-Côa, a cuja estreia mundial (foto alusiva na estreia orquestral) assistiu Ruy Vieira Nery, na qualidade de
secretário de Estado, em tempos iniciais de António Guterres, Outubro. Bailado protagonizado pela gentil Sónia Araújo. Vemo-la todos os dias nas manhãs da RTP 1. É bailarina e apresentadora em televisão. Terceiro capítulo da minha Memória, publicação decidida por Nassalete Miranda.
Páro já, a tempo de dizer que **Música poliédrica** é simplesmente a sobreposição de improviso em tempo real, diante do público, sobre "computer music" – igualmente improvisada. Desenvolverei no próximo capítulo. Entretanto,

Atalayando...

a coisa crónica

O herói bárbaro e o protesto do sapateiro

Carlos Vaz
escritor

São cada vez mais necessários os exemplos de antigos protagonistas de revoluções, simbioses entre o herói colectivo e o herói individual que moviam as massas, educando-as com o seu próprio exemplo e palavras, levando-as a protestar ao ponto de influenciar todo o rumo do paradigma político e social. Hoje, os heróis não se agarram mais aos parlatórios de rua, acabaram-se os bárbaros de pêra em riste, porque o herói moderno ganhou definitivamente novos contornos bem mais civilizados.
Em tempos idos, quem protestava vilmente era a encarnação da própria ideia, progressista ou não, ao ponto de se tornar no próprio mártir da causa, tomemos por exemplo os heróis supostamente bárbaros que retiravam uma pistola do bolso e por entre a multidão se entregavam ao sangue da raiva, ou antes o exemplo daqueles que se martirizaram em greves de fome, cujas consequências nefastas alertaram para o sofrimento do individualismo como voz colectiva, morrendo fisicamente, mas alimentando sempre a alma pela causa que defendia; ou as massas de povo de barbaridade que marchavam sem autorização pelas largas avenidas do poder, cantarolando letras de revolta, ao ponto de mudarem todo um paradigma. Agora, a barbárie parece ter terminado, o homem civilizado entrega-se ao protesto no anonimato, numa espécie de voz escrita que passa de "sms" em "sms" ou de "email" em "email". O protesto individual das grandes causas perdeu o seu rosto dramático, abrem-se petições, passam-se dúbios textos "online" que se reenviam de amigo em amigo como um contágio de denúncia.
Se antigamente quem queria deixar a sua voz partia uma montra, virava um automóvel, ou apedrejava a polícia, hoje o homem civilizado faz um "blog" ou um "facebook" temático, carregado de quintas e fotografias rasgadas de sorrisos, apelando à anarquia e à revolta textual que nunca terá a coragem de começar. A verdade é que os mais amolecidos gritam que o homem civilizado transpôs a fasquia da barbárie, não precisa de bandeiras, precisa de um teclado, não precisa de canções, mas sim de fotografias afáveis, não precisa de braços entrelaçados numa transpirada massa humana a irromper pela rua, mas sim de amigos para adicionar à sua causa, com sorridentes bonecos amarelos e chi-corações amistosos. Basta passarmos os olhares por esses lugares para percebermos que as causas aglomeram-se em murais públicos como "pins" de um boné, ou cromos de uma colecção, tirando-lhes a causa real que comportam.
O homem civilizado perde assim a sua barbárie e quanto mais do seu estado se dá conta, mais domesticado e apático se torna. Apelar à civilização, nos dias que correm, é apelar sobretudo a esta apatia, dando o parecer de protesto, sentirmo-nos ligados à causa sem sacrifícios e violência física.
O homem de rua, o protesto de rua, desapareceu, como também as manifestações de massa espontânea tendem a nunca mais se repetir para o homem civilizado. Hoje, não se fazem aglomerações sem sindicância, por isso, nunca como agora as manifestações são organizadas, autorizadas e agendadas, com um verdadeiro jogo de comícios que ocupam todo o discurso da revolta.
No mundo civilizado, a espontaneidade das revoltas e dos protestos acabaram, mas não por completo, na verdade quero aqui salientar alguns heróis com algum resíduo de barbárie, que ainda se levantam do sofá para deixar a sua marca. De destacar um caso interessante que não consegue deixar a jocosidade dada pela atenção dos media, falo-vos do novo protesto do sapateiro que se tem propagado um pouco por todo o lado, um protesto individualizado e enraivecido, por parte de uns quantos que usam o sapato como um objecto de arremesso bastante original, contra a figura dos políticos, mas infelizmente temos assistido a uma falha de pontaria constante em apenas duas tentativas de arremesso que dispõe, fica-lhes apenas o registo da falta de pontaria. Não tarda nada os sapatos ficarão à porta como nas mesquitas.
Dos genuínos heróis da barbárie restam-nos raros exemplos, destaco os elementos da Greenpeace, verdadeiros protagonistas que se atiram para a frente de baleeiros e arpões, dando sangue à causa.
É necessário alimentar de novo essa forma de barbárie para fazer frente à inactividade e conformismo do homem civilizado. É deste protesto individual que surgem os verdadeiros heróis das revoluções. Temos de abandonar definitivamente as petições, os "sms" e os "emails", levantarmo-nos definitivamente do sofá e sair às ruas vazias de gente. Quem será o primeiro a fazê-lo? A abraçar a barbaridade para iniciar definitivamente a revolução?

página queirosiana

Eça & Outras

Pelo mito é que vamos

J.A. Gonçalves Guimarães
historiador

Suponho que uma das mais estranhas idiossincrasias dos portugueses é a de se recusarem a conhecer a sua verdadeira natureza, a sua real maneira de ser, a sua imagem sem retoques, nua e crua, diríamos.

Donos de uma história invejável por mérito próprio, desde tempos remotos que atribuem os seus feitos à intervenção divina, para assim também se escudarem quando a coisa corre mal: a culpa é então de Deus e dos santos, do destino, do azar, os quais, como se sabe, são imprevisíveis e inatacáveis. É inútil tentar assacar-lhes culpas, logo, quanto a percebermos os fracassos, estamos falados.

Mas, ao longo dos tempos, também se foram criando mitos de estimação que mascararam a realidade histórica: um dos mais hilariantes foi o da nossa marinha de guerra. Portugal sempre foi um país de pescadores, marinheiros, navegadores de cabotagem, marinheiros-mercadores, capitães de navios mercantes de pau-brasil, de pimenta e outras mercearias, vinho e presuntos para lá, açucares e couros para cá, gente que embarca e vai à vida e gente que chega nela metida à força pela água benta das circunstâncias.

Os barcos mercantes de longo curso tinham canhões para se defenderem dos piratas e para obrigarem os locais a negociar com os recém-chegados (nós). Volta e meia eram escoltadas por uma remendada fragata de guerra; duas, quando a frota mercantil era grande.

Pois bem; quem ler a historiografia nacional disponível só encontra «marinha de guerra». A mercante, a que trouxe a este país comida, dinheiro e a bazófia possíveis, pura e simplesmente desapareceu; para os «historiadores da nau de pedra», leia-se almirantes reformados metidos a historiadores, pura e simplesmente não existe.

Outro mito é o do Douro vinhateiro pombalino, com as encostas do vale cheias de vinhedos e «exportadores de Vinho do Porto» a encherem a Bolsa e a Feitoria, passando-se por cima das realidades geográficas, estatísticas, económicas, sociais e as outras que se quiserem conhecer. Todos sabemos que ninguém come vinho, pois ele só dá para beber e vender. Mas é assim que a historiografia nacional fala do Douro, como se lá não tivesse havido mais qualquer outra agricultura, mesmo ao lado ou destruída pela monocultura da vinha (quando, em que tempo, em que circunstâncias?). E assim o Douro cerealeiro, madeireiro, sumagreiro, corticeiro, fruteiro e produtor de azeite, desapareceu ou aparece timidamente, como se fosse o parente bastardo saído das fragas com as tamancas a sujar as alcatifas dos turismos, que inventaram caves onde há armazéns e especializações vinícolas anacrónicas para quem vendia de tudo o que o Douro dava, mas não esquecendo que só algum vinho é "fino". O Douro dos grandes vinhos mundiais (pois então!), para sua desgraça, mas também esperança, não foi, não é, e não será nunca, só vinho.

Por fim, as biografias. Estamos numa fase de afã biográfico e, finalmente, elaboram-se relatos credíveis de várias figuras históricas. Mas o motivo nem sempre é o melhor: as mais das vezes é apenas o pôr o Rei D. Carlos ou algum dos seus ministros num espectáculo televisivo para lhes assacarem "os podres", os banalizarem, quando não, achincalharem, tornando-os "iguais" à populaça que vive de mitos e de subsídios. Dizem que andam à procura do "ser comum" que também foram. Ora o ser comum não passa disso mesmo, comum, vulgar, igual e, o que é pior, normalmente baixo, mesquinho e pronto a cometer qualquer crime só porque o seu clube de futebol não marcou golo. Ora o que fez a grandeza dos grandes homens e das grandes mulheres não foi o facto de serem comuns, mas melhores, diferentes para melhor. Os seus erros e defeitos não serão para esquecer, omitir ou ignorar; mas não são certamente para emoldurar. O igualitarismo pode ser bom para as paramécias; na espécie humana é um mito. E bastante mau, como se viu no século que passou e já neste, se quisermos olhar à volta.

Por fim, o "nosso" Eça, também tem sido mistificado quanto baste. Ainda recentemente uma professora de português me afirmava com o ar mais convicto deste mundo que ele morou onde foi poucas vezes, que escreveu romances onde só tirou apontamentos (na melhor das hipóteses) e que num deles tinha contado a vida da senhora fulana de tal que nem sequer é do seu tempo. Que Eça é que ela andará a ensinar aos seus alunos é que não faço ideia, mas o escritor, o Eça de Queirós, não será com certeza. Mitos, mitos é do que esta gente gosta. E quando já não funcionam, inventa-os!

PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Paço de Belem, 29 de janeiro de 1892.

Meu caro Dias Ferreira. — Querendo eu, e toda a familia real, ser os primeiros nos sacrificios extraordinarios, que as circumstancias do thesouro impõem á nação, previno-o de que resolvemos ceder 20 por cento da nossa dotação, emquanto durar a terrivel e dolorosa crise, que actualmente atravessâmos.

Creia, Dias Ferreira, que em tudo e por tudo hei-de seguir a sorte da nação, á qual reputo essencialmente ligados os meus destinos e os da minha dynastia.

Seu affeiçoado, EL-REI.

CARTA INÉDITA DE EÇA

No passado dia 6 de Fevereiro o mensário Notícias de Colmeias publicou um artigo de Ana Teresa Peixinho e Joaquim Santos intitulado "Um inédito de Eça de Queirós: contributo para o seu epistolário" no qual apresentam uma carta que o escritor enviou de Paris a Luís de Magalhães, a 15 de Novembro de 1894, a propósito do artigo que Eça andava a escrever para o livro de homenagem a Antero, enquadrável no que chama «literatura de devoção» contrapondo-a à «literatura de obrigação», aquela que produzia como profissional das letras, e que lhe era paga. Como é sabido, saiu depois o texto «Um génio que era um santo».

CURSO SOBRE EÇA DE QUEIRÓS

A partir do próximo mês de Outubro terá lugar no Solar Condes de Resende a segunda edição do curso sobre «Eça de Queirós, sua vida, sua obra, sua época» organizado pela Academia Eça de Queirós, o qual decorrerá ao longo de 12 sessões até Março de 2012. O curso conta com a colaboração dos investigadores que mais recentemente se debruçaram sobre esta temática e a concretizaram nas suas teses de doutoramento.

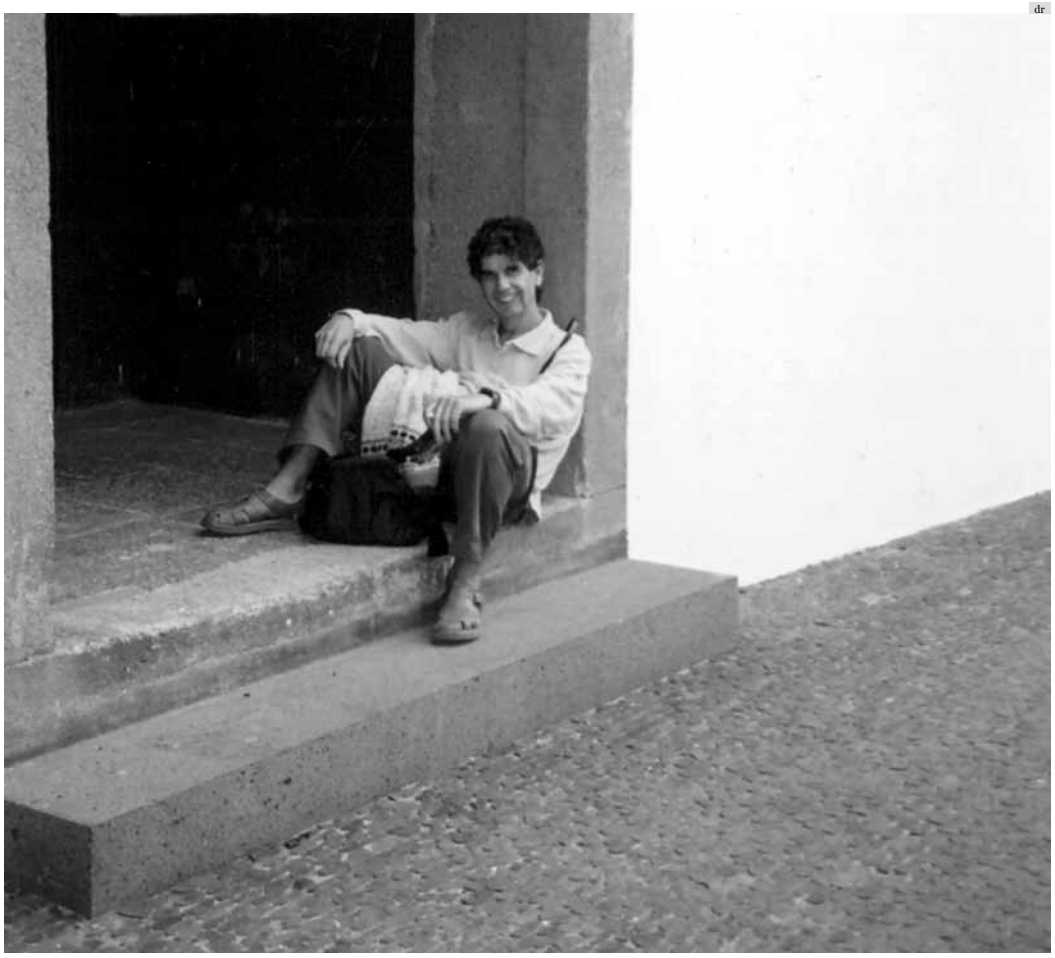
Email: queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blospot.com
eca-e-outras.blogspot.com
Coordenação da página:
J. A. Gonçalves Guimarães

endereço postal:
Solar Condes de Resende
Travessa Condes deResende,110
4410-264 Canelas V.N.GAIA - PORTUGAL
Tel. 227531385; Fax: 227625622
Telemóvel: 968193238

latinIdades

José Barrias ou a memória detritívora*

António Fournier
escritor



dr

■*José Barrias*

Uma criança é um artista biológico que vai desaparecendo à medida que cresce, apagando-se para dar lugar ao adulto a que está condenada a ser. Já Picasso o dizia: todas as crianças nascem artistas, o problema é conservar essa dimensão durante toda a vida. Porém, de vez em quando aquela criança irrompe no artista cultural que, contra a lógica do sistema, se manifesta com genial intuição e lúdica ironia. Não conheço ninguém em que aquele artista biológico continue a manifestar-se de uma forma tão criativa como em José Barrias. Mora em Milão desde 1968 (com algumas interrupções entre 1974 e 1981) e tem um estúdio enorme numa cave onde trabalha com a lâmpada sempre acesa e a rádio sintonizada nas notícias do mundo. Já não falávamos há algum tempo. Lembrou-se de telefonar, "como dois amigos que a certa altura devem saber onde estão. Porque existimos no mundo".

Atingiu a lucidez, mas está num impasse. Tem o estúdio cheio de poeira (imagino-o com uma máscara na boca, envolto numa nuvem). Trabalha com o giz e o pastel, o mesmo material mágico e vulnerável dos artistas de rua que desenham madonnas no chão dos pórticos e praças das cidades italianas. Chama-se «O ouro do mundo» a tela de seis metros por três em que tem estado a trabalhar. É uma lixeira, um cúmulo de lixo, mas há algo de alquímico nisso. É a sua ambição: fazer um lugar-comum, ou seja, um lugar que contenha o mundo. Projectar uma nova Camera scripta camera picta numa capela, mas com uma lixeira no seu interior, para contar o tempo da ignorância do mundo, que é o nosso. "O indivíduo, essa entidade que surge no Renascimento, afirma-se como direito na Revolução Francesa, e dissolve-se no reality show que é hoje esse mundo. Os artistas sempre foram uma minoria, mas uma minoria que contava. Hoje não. A arte como belas artes morreu".

O valor, já se sabe, é morfológico, vai e vem, consoante o mercado. Porém, uma pessoa que acredita no seu trabalho é alguém que merece todo o respeito. Trabalha há cinco anos num projecto ambicioso – ambicioso não no sentido de ambição pessoal, mas como leitura do mundo, como densidade de pensamento, como forma de fazer as contas com o seu tempo, como acto de questionação pessoal. Explica-me o conceito de antepassados circulantes inspirado na obra do músico veneziano Luigi Nono. "Nós somos os nossos antepassados. Os nossos antepassados que voltamos a encontrar no ponto em que os deixámos, quando chegamos à idade que eles tinham quando os conhecemos. Com a morte, tornamo-nos nós nos nossos antepassados. Na Índia, as crianças que desenham nas ruas, têm mãos de velhos. É essa a experiência que a vida nos ensina: atingir o que já aconteceu, voltar a ser aquilo que fomos". Do ponto de vista conceptual, o projecto parece-me de facto ousado, genial, peregrino.

Lembro-me da instalação Barragem que vi no CAM em 2003, inspirada na visita que ele fez à aldeia de Vilarinho das Furnas, submersa pela albufeira e momentaneamente emersa em 1979 quando a barragem foi esvaziada para obras de reparação. Na dimensão espectral desse trabalho estava toda uma reflexão sobre a relação entre o luxo como excesso e a ruína: "Aquilo que é demais torna-se resto e o resto é ruína, aquilo que nos sobra". Da ruína ao lixo foi só um passo: aprofundou a consciência da centralidade dos objectos como colectores da memória da infância perdida do mundo, uma ideia que, aliás, encontra confirmação em Hillman. Em A alma dos lugares o conhecido filósofo afirma: "A psique pesca os destroços que flutuam no ambiente e confia-os ao sonho. O sonho, a fábrica de reciclagem do mundo, encontra no lixo os valores da alma. Devemos ampliar a noção de ambiente no sentido de uma ecologia do profundo, pois o que quer que exista à nossa volta consegue nutrir a nossa alma, na medida em que alimenta a imaginação". – "É uma magnífica batalha, José, há que continuar a lutar", tento encorajá-lo.

Retribuí a chamada no outro dia, para saber se tinha superado o impasse criativo, se o duende tinha voltado. Surpreendi-o de pincel na mão. Descobrira a cor. "Qual", perguntei. "Todas: estou no meio do lixo, aqui há muito por onde escolher". Sinto-o agora numa fase positiva, em pleno processo criativo. "Isto tem que ir para a frente!" Confirmo: é preciso seguir até o fim os impulsos celineanos. Viajar ao fundo do lixo. Como aquela personagem de Ariosto que voa num hipogrifo até à lua, esse imenso depósito de desejos irrealizados, de lágrimas e suspiros dos amantes, de tempo perdido no ócio e no jogo, enfim, de tudo aquilo que o homem foi abandonando por culpa sua, do tempo ou da sorte, para tentar recuperar o siso do mundo. Desejo-lhe boa viagem. E marco novo encontro com ele, para ver os resultados da sua alunagem. No dia 15 de Abril, em Serralves.

*de um verso de Egito Gonçalves

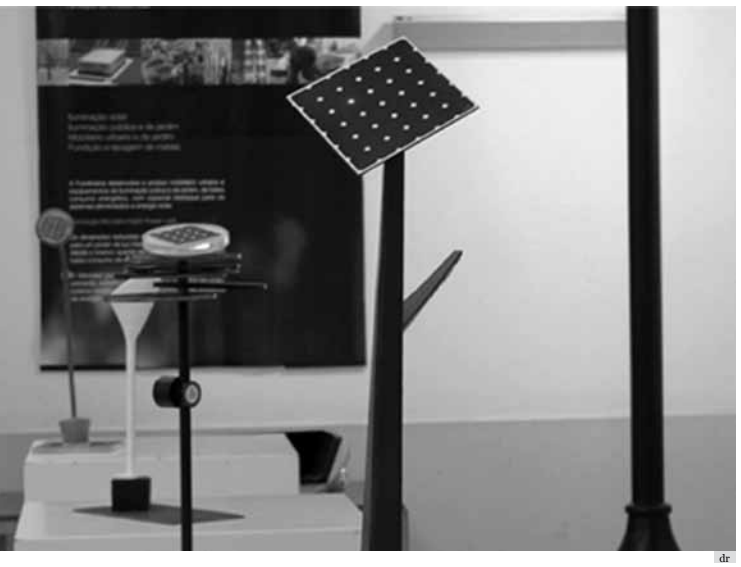
educação

Quatro alunos do Mestrado em Design Integrado do IPVC distinguidos

Prémio valida metodologia

Isabel Fernandes

O projecto Pop Up, que venceu a primeira edição do Prémio Larus Arquitecturas 2011-Equipamento Urbano Ibérico, na categoria de Projecto Académico, poderá vir a ser comercializado em breve. Está já "a ser equacionada a melhor forma de obter um protótipo no intuito de optimizarmos a selecção dos materiais e os melhores métodos de processamento, para ser integrado numa lógica comercial pertinente".
Os vencedores – quatro alunos do Mestrado em Design Integrado do Instituto Politécnico de Viana do Castelo – aguardam "novidades para breve", adiantaram ao jornal As Artes entre As Letras. Ana Cruz, Fernando Lima, Marina Abreu e Pedro Oliveira são os vencedores do prémio ibérico, pelo qual se sentem "muito lisonjeados", sentimento alicerçado "na excelência do júri, constituído por membros de grande relevância no panorama do design nacional e espanhol".
Já para Pedro Vasconcelos, coordenador do Mestrado em Design Integrado do IPVC – no âmbito do qual o projecto foi desenvolvido –, "o prémio vem sobretudo confirmar que a metodologia de design colaborativa do Mestrado em Design Integrado está correcta, por apostarmos numa equipa de profissionais, docentes e parceiros institucionais chave, a coordenar o projecto, e visa aprofundar as sinergias multidisciplinares e potenciar uma actividade projectual mais rica e abrangente e, portanto, mais realista e passível de obter sucesso". Explicou ainda que a equipa a que se refere "é, em geral, constituída por docentes de diferentes áreas disciplinares e pelo orientador da empresa para a qual desenvolvemos o projecto. Este último funciona como avaliador especializado externo, dando ao projecto um maior realismo". Ainda relativamente à distinção, explicou ao jornal As Artes entre As Letras que "sendo o júri do concurso constituído por especialistas reconhecidos na área do design, o prémio é, naturalmente, prestigiante para o IPVC, alunos, equipa coordenadora e todos os docentes envolvidos neste mestrado".
Os alunos vencedores reconhecem ainda "o mérito empresarial na valorização do design como estratégia integrada da empresa que apadrinha o prémio". E falam igualmente do significado real e prático de ver o seu projecto galardoado: "Um prémio de mérito como este é importante na carreira de qualquer profissional do design, particularmente para nós os quatro, como académicos".
Numa declaração conjunta adiantaram ao jornal ser de "extrema relevância para um estudante receber um prémio ibérico de design, pois revela uma grande aposta em nós, académicos e futuros designers, e é, sem dúvida, um grande estímulo a nível profissional e a nível de currículo. Sentimos que o nosso trabalho foi recompensado, e que vale a pena participar em concursos como este, uma vez que nos valoriza como pessoas e, acima de tudo, como profissionais". E como que a prová-lo, acrescentam: "Já obtivemos contactos de algumas empresas sensíveis na aposta qualitativa em design que nos estão a convidar para o desenvolvimento de produtos".
O prémio ibérico foi atribuído ao candeeiro de iluminação pública Pop Up por decisão unânime do júri, constituído por sete elementos: Henrique Cayatte, presidente do Centro Português de Design; Emílio Gil Cerraciín, presidente da AEPD (Asociación Española de Profesionales del Diseño, de Espanha); Pedro Feduchi, representante da BID (Bienal Ibero Americana de Design, de Espanha); Elisabete Antunes, presidente da Associação Nacional de Design; Francisco Providência, professor e Designer; Rafael Villar Laguna, designer industrial; Mário Caeiro, professor e designer, representante da BID.


dr

O prémio, cuja cerimónia de entrega teve lugar no dia 25 de Fevereiro, no âmbito da 7.ª UrbaVerde - Feira das Cidades Sustentáveis, é promovido pelo Periódico Arquitecturas e patrocinado pela empresa Larus - Design Urbano. A sua criação teve como objectivo principal o reconhecimento público de projectos de equipamento urbano desenvolvidos nos últimos cinco anos por designers, empresas e estudantes de design, em Portugal e Espanha, e contou com o apoio institucional do Centro Português de Design.
O trabalho vencedor na categoria Melhor Projecto Académico teve origem no projecto protocolar Greenlight, em que os alunos desenvolveram propostas de sistemas de iluminação pública baseadas em tecnologias de ponta, energia solar e power led.

Dia da Lusófona com pompa e circunstância

O Dia da Universidade Lusófona do Porto, a 9 de Abril, vai ser assinalado com um programa longo e diversificado, que inclui várias intervenções, três momentos musicais, ficando o primeiro a cargo do Cónego Doutor António Ferreira dos Santos e o segundo – que encerra as actividades – caberá à Tuna Masculina da ULP – Copófona. O último momento de música decorrerá já na parte da tarde da sessão, pela Tuna Feminina da ULP, a dar início à cerimónia de entrega de diplomas, que terá lugar após a saudação aos diplomados, familiares e amigos pelo reitor da ULP, Fernando dos Santos Neves, e pelo presidente da Direcção da Entidade Instituidora (Cofac), Manuel de Almeida Damásio. Estando ainda prevista a intervenção do representante dos antigos alunos, Manuel Gonçalves.
A Oração de Sapiência, pelo professor Doutor António Mendes, versará sobre a Escola de Ciências Aeronáuticas da Universidade Lusófona do Porto, sob o tema «Aviação Civil: impacte social». As comemorações terão lugar na Sala Nobre da universidade e incluem a entrega das Bolsas de Excelência aos Alunos da ULP e das Bolsas Universidade Lusófona do Porto/Municípios.
O presidente da Direcção da Cofac, o representante do Conselho Geral Estratégico, Justino Santos, a presidente da Direcção da Associação de Estudantes, Joana Soares, e o reitor da Universidade Lusófona do Porto farão breves intervenções aludindo à comemoração. O início das cerimónias, com a recepção dos convidados, tem hora marcada para as 9h30.

Cineclube da ULP

O Cineclube lançado pela Faculdade Comunicação, Artes e Tecnologias continua na Universidade Lusófona do Porto com «Uma abelha na chuva», de Fernando Lopes, no dia 4 de Abril. A 11 de Abril será o filme de José Álvaro Morais «O Bobo» – premiado no Festival de Locarno 1987 com o Leopardo de Ouro para o Melhor Filme em competição e o Prémio CICAE - Confederação Internacional do Cinema de Arte e Ensaio – a dar continuidade a esta iniciativa que se iniciou em Março com «A Carta», de Manoel de Oliveira. Este primeiro ciclo tem como tema A descoberta do Cinema Português. As sessões realizam-se às 17h30 e no final do filme tem lugar um breve debate sobre o mesmo com o público. Entrada livre até ao máximo de capacidade da sala.

Uma abelha na chuva

dr

em notícia

«Ideias contra a pobreza em Portugal»

O movimento contra a pobreza Plataforma Global e o Museu Nacional de Arqueologia organizam a palestra «Ideias contra a pobreza em Portugal», que tem como convidado Guilherme d'Oliveira Martins, presidente do Tribunal de Contas. A sessão terá lugar hoje (dia 30), às 18 horas, no salão nobre do Museu Nacional de Arqueologia, no Mosteiro dos Jerónimos. A Plataforma Global é uma organização informal de cidadãos que reúne pessoas ligadas a diferentes actividades profissionais.

«Grandes Debates do Regime» no Porto

A Câmara Municipal do Porto vai organizar um ciclo de nove conferências sobre o actual regime político, no qual participarão diversas personalidades oriundas de vários sectores da sociedade portuguesa.
«Grandes Debates do Regime» arrancam amanhã (dia 31), com uma reflexão em torno do tema «Democracia no século XXI: que hierarquia de valores?», no qual participarão Diogo Freitas do Amaral, Francisco Pinto Balsemão e Mário Soares, fundadores de três partidos com relevância no espectro político-partidário português. Este conjunto de conferências prolonga-se ao longo de um ano e terá lugar no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, sempre às 21h15, com entrada livre.

Erik Orsenna nas Grandes Conferências

Erik Orsenna é o próximo convidado do ciclo Grandes Conferências da Fundação Calouste Gulbenkian, que se realiza amanhã (dia 31), às 18h30, no Auditório 2. Escritor e membro da Academia Francesa de Letras, Orsenna
ganhou em 1988 o prémio Goncourt com o livro «A exposição colonial». Formado em filosofia, ciências políticas e economia, foi assessor durante o Governo de Miterrand, tendo nos anos 90 lidado com a democratização em África e com as relações entre a Europa do Sul e o Magrebe. Actualmente é conselheiro de estado e membro do Alto Comissariado para a Francofonia.

«À Conversa com...»

A Biblioteca Municipal de Viana do Castelo organiza no próximo dia 8 de Abril, às 21h30, mais um «À Conversa com…». Desta vez o convidado é o jornalista e escritor Júlio Magalhães. A iniciativa visa promover a divulgação das obras dos autores da actualidade, a promoção da cultura e do conhecimento e a interacção entre o público leitor e os escritores.

«Artur Loureiro 1853-1932» no MNSR

O Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, acolhe a exposição «Artur Loureiro 1853-1932» até 24 de Abril. A realização de uma exposição dedicada a Artur Loureiro é um projecto antigo do MNSR, que se enquadra num programa mais alargado de estudo e apresentação dos artistas representados no seu acervo. Artur José de Sousa Loureiro nasceu no Porto no dia 11 de Fevereiro de 1853, no seio de uma família burguesa numerosa, filho do reconhecido médico Francisco Loureiro. A mostra apresentada propõe-se mostrar a diversidade da obra do pintor, realizada numa vida longa e cheia de experiências inspiradoras. Tenta igualmente dar ao público a imagem aproximada das suas opções estéticas e das grandes temáticas que sempre lhe interessaram, só aparentemente repetitivas, e a ideia da quantidade de obras que produziu, fruto de uma incansável capacidade de trabalho. A exposição, que é comissariada por Elisa Soares e Sandra Archibald, apresenta duzentas obras, num universo de várias centenas que o pintor realizou. Estrutura-se em núcleos, organizados, num primeiro momento, segundo um critério cronológico, e em toda a restante apresentação, segundo um critério temático.

em notícia

Filmes de animação em concurso

«À procura de mim no meio dos outros» é um concurso de curtas-metragens de animação dirigido a todos os alunos e respectivos professores do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. O concurso – iniciativa do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e do Cine-Clube de Avanca/Festival Internacional de Cinema AVANCA 2011 – tem inscrições prévias abertas até 15 de Abril e procura incentivar a produção de filmes de animação pedagógicos dirigidos a crianças e produzidos com o seu apoio em torno da questão da identidade. Para além de alunos e professores, também poderão participar jovens e adultos desde que, na sua equipa, integrem pelo menos uma criança (com idade compreendida entre os 8 e os 12 anos). Os filmes devem estar terminados até 5 de Julho próximo, altura em que a organização fará a selecção dos filmes que irão ser exibidos em sessão especial no Avanca 2011.

«Credo» no Teatro Bruto

O espaço Teatro Bruto/Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues (Porto) acolhe até ao dia 2 de Abril a peça de teatro «Credo», de Enzo Cormann, que pode ser vista até domingo, às 22 horas. O espectáculo surge como primeira produção da Bastidor Público, uma companhia recém-criada que conta já com três co-produções anteriores.

dr

«O fidalgo aprendiz» no TNDM II

Estreia dia 2 de Abril, na Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, «O Fidalgo Aprendiz», a partir do texto original de D. Francisco Manuel de Melo, com encenação de João Pedro Vaz. Esta é a quarta apresentação do espectáculo neste espaço, que já foi encenado por Varela Silva e Amélia Rey Colaço e interpretado por Raul Solnado, Ruy de Carvalho, Fernanda Borsatti, João Villaret, Maria Lalande, entre outros. Ícone da dramaturgia clássica nacional, esta peça é agora transformada num espectáculo-oficina, onde o público é convidado a mover-se entre palco e plateia, actor e espectador, observado e observador.

alípio padilha

Inscrições abertas para o concurso Luísa Todi

O Concurso Nacional de Canto Luísa Todi 2011, organizado pela Câmara Municipal de Setúbal, tem inscrições abertas até ao dia 29 de Abril. O certame, que terá lugar de 20 a 28 de Junho, tem a finalidade de celebrar a memória da cantora lírica setubalense Luísa Todi e revelar novas vozes na área do canto lírico no panorama musical português e internacional. Para este ano, a organização pretende novamente reunir como jurados personalidades nacionais e estrangeiras, altamente qualificadas e, simultaneamente, assegurar todos os meios técnicos, logísticos e financeiros indispensáveis à realização do concurso.

Espírito de «Música & Revolução»

O Requiem Alemão de Brahms e Tesouros da Música Sacra Portuguesa são dois dos destaques da programação de Abril da Casa da Música, no Porto.
No mês de «Música & Revolução», apresenta também, pela primeira vez em Portugal, a versão original de Amériques, de Varèse. A música de George Brecht assinala os 50 anos passados sobre o primeiro «happening Fluxus», mas é o espírito da Revolução que abre o «Música & Revolução» com a estreia nacional da pianista Ursula Oppens, a quem o compositor norte-americano Rzewsky dedicou as Variações sobre o tema de «O povo unido jamais será vencido», estreadas em 1975. O piano preparado de John Cage abre novos horizontes sonoros num dos concertos do Remix Ensemble e serve de mote a um workshop do serviço educativo.

em notícia

dr

«O Fraseador» no Campo Alegre

«O Fraseador», integrado no ciclo «Ver para Ler», é o próximo espectáculo do Serviço Educativo do Teatro do Campo Alegre, promovido pela Câmara Municipal do Porto, através da Fundação Ciência e Desenvolvimento, a ser levado a cena de 7 a 10 de Abril. Através do actor e recitador Pedro Lamares, as crianças maiores de 6 anos são convidadas a percorrer textos poéticos de autores tais como João Paulo Seara Cardoso, Fernando Pessoa, Álvaro Magalhães, Manuel António Pina, Manoel de Barros e António Torrado.

A Águia e a Renascença Portuguesa...

A exposição «A Águia e a Renascença Portuguesa no Contexto da República» inaugura no dia 1 de Abril, pelas 17 horas, na Biblioteca Pública Municipal do Porto. A anteceder a inauguração da mostra será proferida a conferência com o mesmo nome por Fernando Catroga. A exposição está patente até ao dia 31 de Maio, de segunda-feira a sábado, entre as 10 e as 18 horas.

Concerto de piano a quatro mãos

O auditório da Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, recebe amanhã (dia 31 de Março), às 21h30, o concerto de piano a quatro mãos pelo duo Honor O'Hea/Robert Andres. O espectáculo tem direcção artística de Maria José Souza Guedes e Luís Meireles e as obras são de Claude Debussy, Gabriel Fauré, Moritz Moszkowski, Darius Milhaud e Samuel Barber. O duo Honor O'Hea/Robert Andres actua desde 1995 e já passou por mais de 15 países.

Educação sustentável na Portucalense

Nos dias 31 de Março e 1 de Abril realiza-se o congresso «New Directions for Sustainable Geographic Education - Novos Rumos para a Educação Sustentável». Terá lugar no Auditório 107 da Universidade Portucalense - Porto, e é organizado pelo Departamento de Ciências da Educação e do Património. A Comissão da União Geográfica Internacional em Educação Geográfica vê a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável 2005-2014 como uma oportunidade para se confirmar o compromisso da educação com o desenvolvimento sustentável. As mudanças globais contemporâneas desafiam a humanidade no século XXI. O Congresso New vai tentar responder a esses desafios.

Prémios literários Estoril-Sol

A Estoril-Sol voltou a instituir este ano o Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís e o Prémio Literário Fernando Namora, em homenagem aos dois escritores. O júri, comum aos dois prémios, será presidido pelo escritor e ensaísta Vasco Graça Moura. O Prémio Literário Revelação, lançado no quadro das comemorações do 50.º aniversário da Estoril-Sol, no valor de 25 mil euros, propõe-se distinguir, anualmente, um romance inédito de um autor português, sem qualquer obra publicada no género e com idade não superior a 35 anos. O prazo para o envio de originais termina em 14 de Maio. Já o Prémio Literário Fernando Namora destina-se a romances já publicados e as candidaturas podem ser entregues até 30 de Abril.

Primeiro Festival Literário na Madeira

Os escritores valter hugo mãe, Inês Pedrosa, Mário Zambujal, Afonso Cruz e David Machado são alguns dos nomes convidados para o primeiro Festival Literário da Madeira, que decorrerá entre 1 e 3 de Abril no Funchal.
Organizado em parceria entre a empresa de consultores editoriais Booktailors e a Nova Delphi Ilha da Madeira, este evento irá reunir também autores do arquipélago que participarão nas mesas de debate. Entre os convidados já confirmados está Violante Saramago, que lançou no último ano um livro sobre a experiência de um doente no sistema nacional de saúde. Presentes estarão também Graça Alves, Isabela Figueiredo e Sandro William Junqueira.
Ao longo de três dias estão previstas cinco mesas de debate subordinadas aos temas «Os escritores que fogem da fama», «Os escritores malditos», «Os escritores inconstantes», «Os escritores esquecidos» e «Os escritores maltratados». Este festival, que é mais um «filho» das Correntes d'Escritas organizado pela Câmara da Póvoa de Varzim, conta ainda no programa com os lançamentos dos livros «De Profundis», de Oscar Wilde, e «A Queda d'um Anjo», de Camilo Castelo Branco.

Serralves recebe 1,5 milhões até 2013

O protocolo assinado pelo Ministério da Cultura com o Museu de Serralves no dia 24 de Março prevê a transferência de 1,5 milhões de euros nos próximos três anos. Esta verba representa menos um milhão de euros face ao protocolo anteriormente em vigor e que foi cancelado em 2010. "Redimensionamos os valores dos apoios para garantir a sua continuidade. A verba é aquela que o Governo quer e pode assumir na conjuntura actual", sublinhou a ministra da Cultura, que esteve em Serralves para a inauguração da exposição «Recordações da Casa Rosa» [ver pág. 14]. Questionada sobre se a Fundação ainda podia recuperar o apoio do ano passado, a ministra esclareceu que "a verba de 2010 foi retida por orientação da lei do Orçamento de Estado", o que representa uma situação irreversível. Gabriela Canavilhas considera que "é uma obrigação do Estado participar na constituição de uma colecção de arte contemporânea e, no caso de Serralves, essa competência foi delegada e está perfeitamente entregue".

em notícia

Exposições no Parque Biológico de Gaia

O Parque Biológico de Gaia, em co-produção com a In-Libris – Sociedade para a Promoção do Livro e da Cultura, está a promover ao longo deste ano uma série de exposições de fotografia integradas no «2011 - Ano Internacional das Florestas» declarado pelas Nações Unidas. Este programa, comissariado pelo fotógrafo Paulo Gaspar Ferreira, teve início no dia 21 de Março com a apresentação da exposição «Labirinto Aberto» do fotógrafo holandês Niels Kiené Salventius, que está patente ao público até 17 de Junho.

«Pedalar XXI» com inscrições abertas

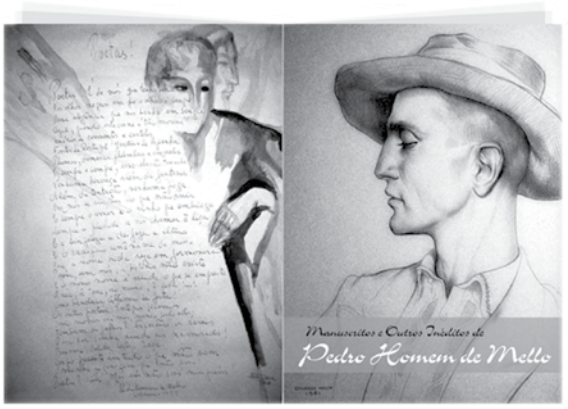
O Concurso Escolar «PedalarXXI», iniciativa das autarquias de Murtosa, Ovar e Estarreja e da Universidade de Aveiro, tem inscrições abertas até 10 de Abril.
O objectivo é promover a utilização da bicicleta como meio de deslocação suave em curtas distâncias, através do desenvolvimento de projectos escolares que apliquem os princípios relacionados com mobilidade sustentável, valorização do território, estilos de vida saudável e segurança rodoviária.
O concurso, promovido pela Cicloria, é dirigido a alunos do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário e pretende estimular e promover formas de mobilidade casa-escola mais sustentáveis.

Ainda há muito a sonhar...

O 10.º Leilão Espaço t «Ainda há muito a sonhar, ajude-nos a concretizar» realiza-se no dia 10 de Abril, às 17 horas, no Hotel Infante Sagres, no Porto. Serão leiloadas obras de arte, objectos de design e objectos pessoais de personalidades públicas e as receitas serão aplicadas na manutenção das actividades terapêuticas do Espaço t. A exposição e venda de artigos extra-leilão (relógios, publicações e Homens t que decoraram a árvore de Natal) tem lugar no dia 9 das 10 às 20 horas e no dia 10 entre as 10 e as 17 horas.

Publicados inéditos de Pedro Homem de Mello

A Câmara Municipal de Viana do Castelo inicia no próximo sábado, 2 de Abril, seis meses de homenagens a Pedro Homem de Mello, ao poeta e ao homem, com sessões mensais. Esta terá lugar, simbolicamente, em Afife, terra onde morou durante anos e onde escreveu parte da sua obra. Depois de pelas 15h30 haver uma visita ao cemitério de Afife e uma hora depois ter lugar uma conferência sobre «Pedro Homem de Mello - A memória do poeta e homem», em que participará Júlio Cardoso, Paulo Sucena e Francisco Sampaio, no Casino Afifense, é tempo (17h30) para o lançamento de «Manuscritos e Outros Inéditos de Pedro Homem de Mello». O livro – um conjunto de vontades unidas, como refere Paulo Sá Machado num breve texto (quase carta) que integra a obra – terá a sua apresentação por Francisco Sampaio.
Uma semana depois, 9 de Abril, é tempo de ser lançado em Ponte da Barca, na sede do Clube dos Poetas Vivos da vila, integrado na sessão comemorativa do 15.º aniversário do clube. «Manuscritos e Outros Inéditos de Pedro Homem de Mello» foi, então, um conjunto de vontades, mas tem um mentor: José Maria Lacerda e Megre. Depois de em 2004, ano em que se assinalou o centenário do nascimento do poeta, ter sido composto "um pequeno livro com manuscritos inéditos do poeta quer de poemas", cartas, dedicatórias, surge esta segunda obra, com 15 inéditos manuscritos pelo próprio Pedro Homem de Mello. O livro será apresentado por Alberto Abreu, pelas 15h30. A sessão comemorativa dos 15 anos do Clube dos Poetas Vivos de Ponte da Barca prossegue com um lanche regional seguido de momento musical e termina do um jantar típico das Terras de Nóbrega, seguido de noite de fados e baladas. O livro – que terá ainda uma apresentação no Porto – é editado pela Singular Plural e tem o apoio das câmaras municipais de Viana do Castelo e de Ponte da Barca e da Associação Comercial do Porto.



Inaugurada Casa Álvaro de Campos

"Ir a Tavira, não só para visitar a cidade onde nasceu Álvaro de Campos, mas sim visitar a cidade do Engenheiro de Tavira, como se visita a Lisboa de Fernando Pessoa, Praga de Kafka, Dubilin de James Joyce", são palavras da professora Teresa Rita Lopes, pronunciadas durante a inauguração da Casa Álvaro de Campos, no dia 12 de Março. Tavira, uma das poucas cidades que Fernando Pessoa visitou, foi o lugar de nascimento que escolheu para o nascimento de Álvaro de Campos, o seu mais destacado heterónimo. Nele, Pessoa projectou a sua ligação à sua família de origem algarvia e ao Algarve, patente nos versos do poema «Notas sobre Tavira» de Álvaro de Campos.
Fundada em 1987, a Associação Álvaro de Campos retomou a sua actividade em 2010.

dr

Cartaz para Romaria d'Agonia 2011 a concurso

A Câmara Municipal, a VianaFestas e a Comissão de Festas colocaram, pela primeira vez, em concurso a concepção do cartaz da Romaira d'Agonia 2011, que este ano tem como tema «A cidade do vinho e a nova marca do Município» (Viana Fica no Coração). O concurso é aberto a todos os interessados que desejem concorrer a título individual ou em equipas, até ao dia 15 de Abril de 2011.

Oficina de Expressão Plástica

O Vivacidade – Espaço Criativo, Porto, promove uma Oficina de Expressão Plástica destinada ao público mais jovem (dos 7 aos 12 anos) nos dias 11 a 15 e 18 a 21 de Abril, das 10 às 13horas. A oficina tem um total de 27 horas e pretende ser "uma actividade educativa para o período da Páscoa".

em destaque

Sé do Porto passa a integrar projecto que visa a recuperação do património

«Rota das Catedrais» vai promover turismo cultural

Paulo Francisco Carvalho

A «Rota das Catedrais» passou a incluir a Sé do Porto, o que vai permitir a recuperação e valorização de algumas zonas do monumento nacional, um dos mais visitados da Região Norte.

A directora Regional de Cultura do Norte, Paula Araújo da Silva, realçou a importância de melhorar o circuito da visita, com uma entrada própria independente da igreja e com uma loja, e anunciou que está em estudo, neste momento, a criação de um lugar para projectar um filme sobre a rota e a própria Sé. A fachada principal já foi alvo, anteriormente, de uma intervenção, mas a outra fachada precisa de melhoramentos pontuais e do restauro de peças importantes.

A «Rota das Catedrais» é um projecto do Ministério da Cultura, que alia as componentes de recuperação patrimonial e divulgação de um conjunto de imóveis das diversas dioceses classificados como «monumento nacional», estabelecido no âmbito do acordo de cooperação entre o Estado Português e a Igreja Católica.

O protocolo que estabelece as bases da intervenção a efectuar na Sé do Porto, no âmbito do projecto, foi assinado no dia 24 de Março entre a directora Regional de Cultura do Norte e o presidente do Cabido da Sé do Porto, cónego Arnaldo Cardoso de Pinho, cerimónia em que também estiveram presentes o secretário de Estado da Cultura, Elísio Summavielle, e o bispo do Porto, D. Manuel Clemente.

A nível regional, Paula Araújo da Silva disse ao As Artes entre As Letras que a «Rota das Catedrais» é um projecto importante para todo o Norte, que incluirá sete a oito catedrais, que também vai ajudar a valorizar os centros históricos.

"As zonas onde se encontram as sés sempre foram um grande núcleo de desenvolvimento das cidades. Estes centros históricos, de maneira geral, têm problemas graves, como a desertificação e a falta de animação, e este projecto pode ajudar a resolver problemas como estes. Por outro lado, ajuda a divulgar o património e constitui uma alternativa a um turismo que nós queremos de qualidade e cultural", explicou a directora regional.

Estudos feitos pelo Turismo do Porto e Norte de Portugal indicam que uma grande parte do turismo é cultural. Números que precisam de ser aprofundados, considera Paula da Silva, chamando a atenção para um estudo do ex-ministro da Economia Augusto Mateus que já coloca a cultura e o património como elementos extremamente importantes para o desenvolvimento da economia e para a criação de riqueza.

No último Quadro Comunitário de Apoio, o Ministério da Cultura investiu na Sé de Vila Real, na de Braga e também na Sé do Porto. Mas existem mais catedrais que estão a precisar de intervenção. A directora Regional de Cultura do Norte disse que já está previsto assinar um protocolo com a Sé de Miranda do Douro e de Lamego. A mais atrasada e a que precisa de uma intervenção de maior envergadura é a de Viana do Castelo, até porque era uma igreja matriz que depois passou a Sé.

Já o secretário de Estado da Cultura explicou que o projecto «Rota das Catedrais» resulta de um protocolo assinado já em 2008 entre a Conferência Episcopal e a Igreja, que abrange 23 sés catedrais do continente e duas das ilhas. Para Elísio Summavielle, a rota inscreve também uma marca para as catedrais de Portugal. "Há uma unidade de objectivos em todas as sés. Até 2015/16, devem estar recuperadas e com um circuito de visitação que possa garantir também a sua sustentabilidade futura", disse. Quanto ao investimento, estimou em várias dezenas de milhões de euros, mas não adiantou um valor definitivo.

Por seu lado, o bispo do Porto sublinhou a necessidade de criar uma oferta mais atractiva para os turistas na Sé do Porto, já que as visitas actuais são sempre muito rápidas. "Temos que dar formação aos agentes turísticos. Há um trabalho conjunto a fazer para que seja verdadeiramente cultura. As pessoas têm de perceber o que significa o local e interpretar correctamente os seus símbolos", referiu D. Manuel Clemente.

dr

Congresso internacional

O Congresso Internacional «Rota das Catedrais» vai decorrer de 7 a 9 de Abril, no Museu Municipal de Faro, e constitui uma primeira etapa na apresentação pública do projecto do Ministério da Cultura, que alia as componentes de recuperação patrimonial e divulgação de um conjunto de imóveis das diversas dioceses de Portugal classificados como «monumento nacional», estabelecido no âmbito do Acordo de Cooperação entre o Estado Português e a Igreja Católica. Os aspectos operativos do projecto são coordenados através do IGESPAR e do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, e os projectos específicos para cada imóvel – e em particular no que respeita à recuperação patrimonial – são estabelecidos mediante acordos protocolados entre as Direcções Regionais de Cultura da região-plano onde se localiza o imóvel e respectivas instituições religiosas responsáveis.

O congresso, organizado pela Direcção Regional de Cultura do Algarve e pelo Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, tem como primeiro objectivo olhar para as catedrais como um património profundamente identitário, plural e multifacetado.

"Apresentando as catedrais como um todo coerente e identitário, potencia ainda o encontro entre os objectivos de natureza religiosa, cultural e turística, inerentes ao projecto, através da apresentação dos diversos projectos em curso, mas também de alguns casos exemplares, no tocante à gestão, recuperação e valorização de catedrais europeias, onde semelhantes intervenções constituem já uma realidade consolidada", refere a organização do evento.

9 771647 290000 00047

MC

Ministério da Cultura

DIRECÇÃO REGIONAL
DE CULTURA DO NORTE

VOLUNTARIADO
DEMONUMENTOS
*ao**encontro**das**vontades***

www.culturanorte.pt